



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA - UnB
FACULDADE UNB PLANALTINA - FUP
LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO**

**A VARIEDADE LINGUÍSTICA NO ASSENTAMENTO NOVA CONQUISTA
MUNICÍPIO DE CÁCERES- MT**

LUZINETE JESUS DE OLIVEIRA TOLOMEU

**Planaltina – DF
2013**

LUZINETE JESUS DE OLIVEIRA TOLOMEU

A VARIEDADE LINGUÍSTICA NO ASSENTAMENTO NOVA CONQUISTA
MUNICÍPIO DE CÁCERES- MT

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Educação do Campo, da Universidade de Brasília, como requisito parcial para a obtenção ao título de licenciada em Educação do Campo, com habilitação na Área de Linguagens

Orientadora: Profª Drª. Rosineide Magalhães de Sousa

LUZIENETE JESUS DE OLIVEIRA TOLOMEU

A VARIEDADE LINGUÍSTICA NO ASSENTAMENTO NOVA CONQUISTA –
MUNICÍPIO DE CÁCERES- MT

Aprovada em _____ de _____ de _____.

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Dra. Rosineide Magalhães de Sousa - UnB (Orientadora)

Prof. Dr. Djiby Mané (Examinador)

Profa. Dra. Mônica Castagna Molina - UnB (Examinadora)

Planaltina-DF
2013

Dedico este trabalho primeiramente a Deus, por ter me dado saúde, coragem e fé para trilhar os caminhos de ida e volta a Brasília, para cursar a graduação de Licenciatura em Educação do Campo desde a primeira etapinha, que começou em 2009, até os dias atuais que estamos a concluir no ano de 2013.

Dedico também ao meu esposo, quem eu tanto amo, que me dá todo apoio, pois compreende a importância e o valor da conquista do nível superior para mim.

Aos meus filhos que são os amores de minha vida, por colaborarem comigo em ficarem em casa em companhia do pai durante os dias de minha ausência. E ainda pequenos, sempre me deram força, palavras de carinho e amor mesmo que, por telefone para que eu não desanimasse nessa caminhada.

Às minhas vizinhas Célia e Vilma que colaboraram em minha ausência cuidando de meus filhos.

A comunidade “Linha das Brancas”, pelos moradores que contribuíram no processo de pesquisa proporcionando momentos importantíssimos de entrevista, sem medir esforços.

Aos professores da Ledoc: Jair Reck, João Batista, Rafael, Pasquetti. E em especial à professora Rosineide, que com seu jeito meigo e paciente, me inspirou a encontrar o tema de pesquisa através de suas aulas de Linguística. E sempre incentivando e mostrando não só a mim, mas a todos os companheiros de curso, da nossa capacidade para construirmos a monografia mantendo a identidade de sujeitos do campo.

AGRADECIMENTOS

A Deus por ter me dado o poder de existência nesta Terra através do desabrochar da vida.

A Nossa Senhora Aparecida a quem sou devota e que me acompanha em todos os lugares por meio da minha fé.

Aos amores de minha vida Jenesio, Mayara e Matheus.

Aos meus pais que deram a chance de estar aqui na terra me dando a vida e minha identidade de pessoa.

A minha sogra que já não está aqui na Terra junto de sua família, pois foi morar com Deus. E que me apoiava muito para que eu não desistisse desse curso.

Ao professor Djiby Mané pessoa encantadora que é e pelos momentos que disponibilizou informações, contribuindo com a construção da minha monografia e por ter aceitado ser a banca examinadora.

A professora Roberta, pelo seu empenho de estar com a turma de linguagem estimulando todos para uma eficaz produção escrita.

Aos professores da Licenciatura em Educação Do Campo por erguerem a bandeira da luta por uma Educação Do Campo de qualidade no Brasil. E que desbravam no universo universitário a oportunidade de pessoas como eu que não teve condições de estudarem em sua mocidade e que depois de muito tempo fora da sala de aula poder pleitear também uma vaga no espaço que é considerado o latifúndio do saber.

Aos colegas da turma Dandara, que durante a nossa caminhada formamos uma grande família. Em especial Valquíria, Cristiane, Keila, Claudia, Cleide e Fabiana Rocha por fazerem parte da minha segunda família. Que construída durante esses quatro anos de convivência na LEdoC.

A Mônica Molina pela perseverança na luta em defesa dos povos do campo.

A luta dos trabalhadores das organizações sociais, em especial, o MST por desencadearem a luta e a conquista da Educação do Campo no Brasil.

A Língua é uma atividade social.

Bagno

A heterogeneidade linguística está vinculada à
heterogeneidade social.

Bagno

Não há saber mais ou saber menos: Há saberes diferentes.

Paulo Freire

“O homem é um ser essencialmente social e histórico que, na sua relação com outros, em uma atividade prática comum, intermediado pela linguagem, se constitui e se desenvolve enquanto sujeito.”

Bakhtin

LISTA DE ABREVIATURAS

EJA – Educação de Jovens e Adultos

INCRA- Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária

LEdoC- Licenciatura em Educação Do Campo

MST- Movimento de Trabalhadores Rurais Sem Terra

MT – Mato Grosso

PDE- Plano de Desenvolvimento Da Escola

PPP- Projeto Político Pedagógico

TCC- Trabalho de Conclusão de Curso

RESUMO

Este trabalho está ancorado na base da sociolinguística interacional e variacionista. E foram abordados os objetivos e conceitos centrais sobre a fala. Baseia-se na investigação, revelação e análise da variedade linguística da comunidade Nova Conquista Cáceres - MT. Conta-se com a contribuição metodológica da Etnografia, para qual utilizaram-se de recursos como gravações, dados escritos e observações que deram autenticidade aos registros coletados em campo. E também baseia-se nos teóricos Bortoni- Ricardo (2004), Sousa & Velasco (2006, 2007), Marcos Bagno (2007, 2001), Caldart (2000) entre outros. Neste trabalho também se encontra um breve histórico sobre a luta dos movimentos sociais por uma educação do campo no Brasil. Essa pesquisa contribui como registro sociocultural e linguístico de uma comunidade camponesa que reúne a diversidade de sujeitos e propõe, ainda, o trabalho dessa diversidade na escola.

Palavra-chave: Variação Linguística. Educação do Campo. Sujeito. Língua Materna.

ABSTRACT

This work is based on the basis of interactional and variationist sociolinguistics. And addressed the objectives and core concepts on speech. Is based on the research, development and analysis of the linguistic variety of community Nova Conquista Cáceres - MT. Account with the methodological contribution of Ethnography, which were used for features such as recordings, written data and observations that gave authenticity to the records collected in the field. And also based on the theoretical Bortoni-Ricardo (2004), Sousa & Velasco (2006, 2007), Marcos Bagno (2007, 2001), Caldart (2000) among others. This work is also a brief history of the struggle of social movements for a rural education in Brazil. This study, contribution to the socio-cultural and linguistic record of a peasant community that brings together the diversity of subjects and also proposes that diversity work in school.

Keyword: Linguistic Variation. Field Education. Subject. Mother Tongue.

NORMAS DE TRANSCRIÇÃO

... = pausa maior

.. = pausa menor

/?/ fala não entendida

[...] discurso suprimido

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
CAPÍTULO I - METODOLOGIA.....	17
1.1. Pesquisa qualitativa etnográfica.....	17
1.2. Contexto de pesquisa.....	18
1.3. Escola municipal Paulo Freire.....	19
1.4. Pessoas pesquisadas.....	21
1.5. Instrumentos de pesquisa	22
1.6. Objetivo da pesquisa.....	23
1.6.1. Objetivo Geral.....	23
1.6.2. Objetivos específicos.....	23
1.6.3. Pergunta pesquisa.....	23
CAPÍTULO II – BREVE HISTÓRICO DA EDUCAÇÃO DO CAMPO.....	24
2.1. A luta dos movimentos sociais por educação básica do Campo.....	24
CAPÍTULO III – FUNDAMENTOS TEÓRICOS	29
3.1. Introdução (sócio) linguística.....	29
3.2. Na Linha da Sociolinguística	30
3.3. Variação Linguística	33
3.4. Língua Materna e Padrão.....	37
CAPÍTULO IV- ANALISANDO E REVELANDO A DIVERSIDADE LINGUÍSTICA DA COMUNIDADE NOVA CONQUISTA.....	40
4.1. Variação fonético-fonológico	41
4.2. Letra da canção a São Bom Jesus Da Lapa	43
4.3. Trecho da canção tradicional Siriri	43
4.4. Trecho do caso.....	43
4.5. Análise de algumas variações fonético-fonológicas	43

4.6. Análise de algumas variações fonético-fonológicas com ênfase na especificidade dos falantes nativos	46
4.7. Análise de outras variações	48
4.8. Relações lexicais / semânticas	50
4.9. Análise de questionário	51
5.0. Abordagem da canção Siriri	56
5.1. Contribuições pedagógicas para Escola Municipal Paulo Freire.....	60
CONSIDERAÇÕES FINAIS	65
REFERÊNCIAS	68
APÊNDICES.....	70

INTRODUÇÃO

Este trabalho pretende analisar a variedade linguística da comunidade Nova Conquista, localizada no município de Cáceres, Mato Grosso. Além disso, será observada como está estruturada a formação linguística da comunidade através do processo migratório que se deu há 16 anos nessa localidade.

O processo histórico dessa comunidade se deu pela conquista da terra, trazendo vários povos de diversas regiões mato-grossenses com sotaque mineiro, paulista, baiano e encontrando também os povos cuiabanos e pantaneiros, perfazendo uma mistura de linguajares e com o passar do tempo, uma variedade foi se sobrepondo a outra, às vezes, de forma natural ou não.

Apresentam-se nesta pesquisa os modos de falar da população da comunidade Nova Conquista, no intuito de analisar os fenômenos micro da fonologia, morfologia, do léxico e a relação semântica da fala dos povos nativos que são oriundos da região cacerense e baixada cuiabana.

Com seus dialetos próprios, os mesmos apresentam uma riqueza imensa ao comunicarem uns com os outros da mesma família, com a sabedoria de seu povo trazido de pai para filho, com seu jeito peculiar de tratar as coisas, cantando canções mato-grossenses. Principalmente, desde contar os causos e ao cumprimentar as pessoas de forma humilde, não preocupados com regras padrão estabelecidos na sociedade.

Diante disso, esse trabalho aborda a sociolinguística, vislumbrando a interação e também o comportamento da pessoa na perspectiva da integração do indivíduo em seu meio social. Utiliza o uso da língua dentro de uma determinada cultura, no espaço social e identificando sua identidade. Contudo, trabalha com os conhecimentos de outras áreas estabelecendo uma variedade multidisciplinar.

Uma das motivações que provocou o interesse por este assunto foi a partir, do conhecimento do tema, o estudo da disciplina de sociolinguística, com a professora Rosineide Magalhães, no curso de Licenciatura em Educação do Campo, na Faculdade de Planaltina, em Brasília. Principalmente, quando se estuda o linguista Marcos Bagno, em seu livro “Nada na Língua é por Acaso”, que aborda a sociolinguística, cuja teoria fomenta a todo instante a necessidade de estarmos

atentos a valorizar o sujeito falante com suas diversidades linguísticas. Dessa forma, este trabalho de pesquisa, também, é decorrente das observações durante o período de estágio que foram realizados em Tempo Comunidade (TC).

O presente trabalho será desenvolvido por meio da metodologia qualitativa que tem como objetivo identificar os traços linguísticos (BORTONI-RICARDO, 2008. p.49) e “valem de procedimentos etnográficos para geração de registros”. E também desvelar o que está sendo invisível diante da rotina em que os falantes vivem estruturalmente na respectiva comunidade pesquisada.

Para Bortoni-Ricardo (2008), as pessoas acostumam com as rotinas, e no entanto, não percebem a riqueza que tem em seu vocabulário, nas relações sociais que são vivenciadas no seu cotidiano. Neste sentido, há uma expectativa deste trabalho de identificar por meio de entrevistas, observações, dos causos e canções, em que apresentam diversos sotaques, variações, não só na fala, bem como nos costumes e na atividade cultural.

Este trabalho procura compreender melhor como os diversos falares que circulam no meio em que há falantes que veiculam a linguagem falada, ou seja, a expressão sonora que caracteriza uma particularidade herdada de sua origem. É por isso que a sociolinguística busca por meio da análise linguística identificar a fala em uma comunidade de uso.

Neste sentido realiza-se uma análise da variedade linguística que acontece no âmbito social, no nível diatópico, em que busca se investigar a variação decorrente da origem geográfica, principalmente os falares de origem nativa que são os cacerenses. No entanto, propõe-se identificar os níveis fonético-fonológicas, morfológicos, semânticos e lexicais de variação linguística, utilizada pelos falantes entrevistados, por meio dos causos e canções tradicionais da comunidade Nova Conquista Cáceres- Mato Grosso.

Este trabalho tem como objetivos específicos identificar como:

1º as variedades linguísticas utilizadas pelos falantes interagem com outras variedades existentes;

2º- investigar, entre os falantes, qual a compreensão que têm em relação à língua. E também os conceitos que foram formados durante sua formação humana;

3º- ajudar na valorização das canções da comunidade que já não são mais cantadas pela população jovem desta localidade.

4º- sugerir ainda estratégias pedagógicas para escola municipal Paulo Freire.

Em suma, a variedade linguística dessa comunidade compreende um leque, da língua falada do português brasileiro, isto é, estabelece um aspecto positivo na fala. Por isso, o trabalho discorre trazendo contribuições que são possíveis de compreender, aceitar e respeitar as variações da língua falada, sem causar nenhum choque linguístico em que nos deparamos na sociedade como um preconceito linguístico.

Ainda, será abordada a luta pela Educação Básica do Campo no Brasil, através dos movimentos sociais com a participação ativa de seus sujeitos (as) que desencadearam uma discussão a nível nacional, e repercutindo no município de Cáceres, no qual é localizado o assentamento Nova Conquista que é mais um fruto da luta de inúmeros e inúmeras guerreiras e guerreiros, que tombaram pelo caminho na esperança de conquistarem um pedacinho de terra e uma garantia de vida digna para suas famílias, o que constitui o contexto de pesquisa.

Este trabalho é composto de introdução que apresenta as motivações que me levam a realizar este trabalho. Já no primeiro capítulo, fala-se da metodologia que irá dar sustentabilidade para a pesquisadora percorrer todo o trabalho, seja na base escrita ou em trabalho de campo. No segundo capítulo, está a discussão do referencial teórico que aborda as lutas sociais em busca de uma Educação Básica para o Campo. Apresenta também no terceiro capítulo um breve caminho que percorre a linguística e seguindo a linha da sociolinguística com sua vertente com níveis de variação linguística, refletindo sobre o ensino da norma padrão e a língua materna.

Quanto ao quarto capítulo, apresenta as análises de dados que foram coletados na pesquisa de campo na perspectiva de visualizar certos questionamentos que são: Como e por que os causos foram aplicados na escola local? Como são esses causos abordados? Como a escola recebeu os ensinamentos tradicionais típicos da comunidade? Para finalizar conta-se com as considerações finais e os referenciais que deram embasamento teórico para a construção desse Trabalho de Conclusão de Curso (TCC).

Também serão abordadas as análises de algumas falas espontâneas, e de falas mediadas por canções e por causos. Para isso, será apresentado um quadro com transcrições fonético-fonológicas. E também será utilizado o alfabeto IPA

(Internacional Phonetic Association) nas transcrições de falas que são consideradas especificidades da comunidade.

Este trabalho de pesquisa aponta alguns teóricos como: Bagno (2007), Carbone (2008), Bortoni-Ricardo (2008), Sousa e Velasco (2007), Caldart (2000, 2008), Freire (1996) entre outros, que fundamentaram seus estudos de pesquisa com o objetivo de proporcionar melhor entendimento do ensino da língua e sociedade dentro do universo educacional.

CAPÍTULO I

METODOLOGIA DE PESQUISA

1.1 Pesquisa qualitativa e a etnografia

O presente trabalho tem como base de pesquisa a metodologia qualitativa que tem como estratégia a perspectiva etnográfica que, segundo Bortoni-Ricardo (2008, p. 51), requer uma “geração de registros”. Para isso não há dicotomia entre as fases que dão início ao planejamento e observações em que serão utilizadas para os registros dos dados coletados que terão como foco a reflexão e análise por meio de interpretações.

De acordo com Bortoni-Ricardo, que discorre em sua seção “para saber mais” em que traz a informação da origem da pesquisa etnográfica:

O termo etnografia foi cunhado por antropólogos no final do século XIX para se referirem a monografias que vinham sendo escritas sobre os modos de vida de povos até então desconhecidos na cultura ocidental. “E a palavra é composta de dois radicais do grego: ethnoi, que em grego significa “os outros”, “os não gregos” e graphos que quer dizer “escrita” ou “registros”.

A pesquisa qualitativa tem qualificado e analisado em sua potencialidade os aspectos que apresentam presentes e revendo as necessidades e simultaneamente, trazendo a participação dos envolvidos no processo de investigação. Além disso, os métodos da coleta de dados são baseados a partir de observações, entrevistas e registros escritos ou fotográficos. Esta metodologia pode contribuir com professores que buscam pesquisar na sala de aula para o aperfeiçoamento e construção de teorias a respeito da organização social e cognitiva da vida (2008) que compreende o nível de aprendizagem dos estudantes.

Para Bortoni-Ricardo (2009), o conjunto de métodos e práticas empregadas na pesquisa qualitativa estabelece uma pesquisa etnográfica, observação participante, estudo de caso, interacionismo simbólico, pesquisa fenomenológica e pesquisa construtivista. Desta forma, o interpretativismo caracteriza uma forma de compromisso com a interpretação dos dados coletados. Este trabalho terá como eixo central as observações, entrevistas por meio de questionário e análise de

canções e causos que estão voltados para a identidade e cultura dos falantes pesquisados da comunidade. Consiste ainda no detalhamento da leitura e da produção escrita para extrair informações de qualidade e autênticas, em torno da sociolinguística que visa à interação do sujeito na sociedade de forma autônoma e criativa.

Para Gonzáles Rey (2005), a pesquisa qualitativa envolve a imersão do pesquisador no campo de pesquisa. Ele considera a pesquisa um cenário social em que tem lugar o fenômeno estudado em todo o conjunto de elementos que o constitui e, de certa forma, está constituído por ele. Acrescenta ainda que a pesquisa qualitativa tenha como objetivo avaliar a representação do pesquisador ao que estudará e também a forma que este pesquisador pretende abordar e acessar as pessoas que serão analisadas.

1.2 Contexto do assentamento

A pesquisa de campo envolve pessoas oriundas de diferentes regiões do Brasil, que são moradores do Assentamento Nova Conquista, situada a 60 km do Município de Cáceres /MT. Diante dessa experiência vivida, foi necessário um aprofundamento no estudo que traz como tema a variação linguística dos sujeitos falantes desta comunidade. Para uma melhor compreensão segue adiante o contexto histórico do Assentamento Nova Conquista. Desde o seu surgimento perpassando pela sua composição de diversas famílias, oriundas de várias regiões do estado de Mato Grosso.

No decorrer do processo histórico de luta do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), entre os anos de 1990, em Mato Grosso. E no ano 1996 na região de Cáceres, região oeste do estado nasce o acampamento Margarida Alves, com centenas de famílias lutando pela conquista da terra. Após vários embates, mobilizações e manifestações massivas diante de órgãos como Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA); prefeitura; entre outros, conquistam um pedaço de terra que está localizado no Assentamento Nova conquista.

A história do Projeto Assentamento Nova Conquista começa no dia 19 de abril do ano de 1996, com o acampamento Margarida Alves, próximo ao distrito do Caramujo, cerca de 1200 famílias de todas as regiões da grande Cáceres. Dois meses após a ocupação, famílias se mobilizam em marcha rumo a Cuiabá para reivindicarem junto ao INCRA, a desapropriação das terras improdutivas de grandes latifundiários da região sudoeste do estado de Mato Grosso.

No dia 27 de setembro de 1996, a antiga fazenda Paiol, do município de Cáceres, situado na região sudoeste de Mato Grosso é desapropriada e assim uma parte das famílias acampadas (400 famílias) são assentadas formando o Assentamento Nova Conquista, que recebe este nome em função da grande conquista que os acampados obtiveram através da luta coletiva.

As demais famílias (800 famílias) foram distribuídas por mais quatro assentamentos na região, que são: Margarida Alves, Florestan Fernandes, Antônio Conselheiro I e Antônio Conselheiro II. A partir daí segue a luta e a territorialização dos sujeitos dessa comunidade, construindo os seus pilares de sobrevivência digna nesse chão. Atualmente a comunidade Nova Conquista é composta por 247 famílias cadastradas e conta-se aproximadamente com umas 800 pessoas que vivem, trabalham, cultivam a Terra e dela tiram o sustento de sua família.

1.3 Escola Municipal Paulo Freire

A Escola Municipal Paulo Freire, está localizada na área social central do projeto de assentamento Nova Conquista, pelo decreto 065/98. A escola atende a educandos da Educação Infantil e do 1º ao 9º ano durante o período matutino e vespertino, filhos de acampados, funcionários de fazendas vizinhas, além dos educandos da própria comunidade e conta com uma sala anexa no assentamento vizinho Limoeiro, aproximadamente 35 km da sede da escola.

O ensino médio dessa escola, tem funcionamento no período noturno, sendo uma sala anexa da Escola Mário Duílio Evaristo Henry, que tem sede no assentamento vizinho, distrito de Nova Cáceres, sediado na BR070 sentido á Cuiabá, distanciando aproximadamente 21 km do Assentamento Nova Conquista, inclusive da Escola Municipal Paulo Freire.

A unidade escolar é composta aproximadamente de uns duzentos (200) educandos. A mesma é oriunda de uma história muito bonita e sofrida, nasceu da luta dos trabalhadores desta comunidade. E teve seu início nos acampamentos que ficaram durante muitos meses a beira de B.R 070, no INCRA e depois nos comodatos em barracos de lona. Esta escola tem em sua filosofia de valorizar a luta e os movimentos sociais de onde se originou esse processo histórico, além de trabalhar as matrizes curriculares que a educação municipal exige cumprindo com os parâmetros curriculares nacionais. Esta unidade escolar recebeu o nome de Paulo Freire em nome da pessoa que ele representou na luta de uma formação humana e emancipatória. O que significa a história de luta dos sujeitos que formaram esse território.

Esta escola, portanto, tem como princípio a compreensão de que a Escola do Campo tem uma profunda relação entre agricultura e vida camponesa. Este entrelaçamento contribui para a melhoria e condições favoráveis da vida e das realidades que vivenciam os povos do campo desta região. A construção dos projetos político-pedagógicos das Escolas do Campo Paulo Freire, representa proporcionar múltiplas aprendizagens, pois permitem comunicação entre os educandos e saberes diversos fazendo a dialogicidade com o empírico e a ciência.

A Escola do Campo, assim entendida e construída, não se restringe apenas a um espaço físico, onde está materializada, mas torna-se um centro dinâmico, de reflexão e de práxis, ações que contribuem para conquista e dar significado aos valores, de identidade e de pertencimento, pois, a educação não se resume só entre quatro paredes ela se dá muito mais além pelo âmbito social de cada cidadão (ã) quando exercem sua cidadania.

Criar esses espaços é uma iniciativa relevante, pois, possibilita o fortalecimento e o entendimento do processo histórico que veio a se construir durante esses (16) dezesseis anos pelo qual movimentam seres humanos nessas localidades. Contribuindo para a construção efetiva do que é um ser Humano em uma sociedade mecanizada. Tais reflexões induzem às práticas construtivas, as quais possam estimular ao protagonismo e a solidariedade da população jovem desta localidade.

Como a Escola Municipal Paulo Freire é fruto da luta por terra e pela conquista da reforma agrária no país rompendo as cercas do saber e do

conhecimento a mesma estando cumprindo o papel de desencadear a educação. Sendo um processo de libertação e emancipação de seus sujeitos (as). Esta por sua vez visa um espaço que é de caráter educativo que garanta momentos de cultura com aulas de dança, teatro, músicas, e atividades físicas e aprofundamento teórico etc.

O projeto político pedagógico (PPP) é construído em coletivo. Tendo a participação de pais, estudantes, professores, funcionários dos setores de cozinha e guardas noturnos e diurnos. A Escola conta também com o plano de desenvolvimento da escola (PDE). As atividades para esses dois projetos têm a finalidade de serem feitas as discussões e produções de metas de forma dialogada entre escola e comunidade. Para que ambas assumam as responsabilidades e o compromisso com os sujeitos que ali estão inseridos.

Desta forma este trabalho desenvolvido por esse universo escolar, tem como horizonte proporcionar aprendizado para todos os envolvidos na atividade. Tanto os educadores, quanto aos pais, seja da própria comunidade e ou das comunidades vizinhas, e também os estudantes que a unidade escolar atende. A proposta de trabalhar de forma compartilhada possui uma dinâmica que proporciona a efetivação da práxis educacional, que tem como ponto de partida a realidade concreta do universo educacional atendido.

1.4 Pessoas pesquisadas

Para efetuar este trabalho, a coleta de dados, foi realizado a partir de entrevistas na casa dos falantes, no Assentamento Nova Conquista, com 07 pessoas, sendo que 04 são professores da comunidade com a idade de (40) a (45) anos, entre os professores 01 é de origem nativa da região, 02 são mineiro, e 01 é de origem paulista e criado na região de Cáceres, o que faz se identificar como cacerense segundo o entrevistado.

E foi também entrevistados moradores da comunidade de diversas origens como paulista (40 anos), baiana (62), cacerense (28), pernambucana (58) e nativa (63) da região. O objetivo dessa diversidade foca nos resultados de dados que busca alcançar a respeito dos modos de falares por meio da mediação, interação e

variação que acontece no cotidiano dos falantes dessa comunidade em pesquisa. Há também os momentos de fala que foram coletadas nos espaços de reuniões na sede da associação de moradores da comunidade. Através das conversas informais em rodas de amigos, e até em programas de rádio que é de audiência na comunidade.

1.5 Instrumentos de pesquisa

Este trabalho tem como eixo central as observações, entrevistas por meio de questionário e análise em canções e causos que estão voltados para a identidade e cultura dos falantes pesquisados da comunidade. Consiste ainda no detalhamento da leitura e da produção escrita para extrair informações de qualidade e autênticas. Em torno da sociolinguística que visa à interação do sujeito na sociedade de forma autônoma e criativa.

Para efetuar este trabalho, para registro de dados, foram realizadas entrevista na casa dos falantes no assentamento Nova Conquista especificamente na comunidade Linha Das Brancas. Os materiais utilizados para essa pesquisa estão sendo gravador, lápis, papel e as anotações feitas durante o processo de observação em todos os espaços de aglomeração de falantes.

Foram realizadas gravações de canções tradicionais que são cantadas pelas famílias nativas como Siriri, que tocam seus próprios instrumentos como Viola de Cocho, Reco- Reco entre outros. E também músicas regionais que são compostas a partir da história pesquisada. Outro instrumento utilizado na gravação são os causos contados na escola nas apresentações culturais pelos mais velhos que estão sendo esquecido pelos mais jovens. As informações colhidas por meio das entrevistas permitirão a realização da revelação das variedades do assentamento e o conhecer dos valores culturais que não são expressos pelos falantes tendo o cuidado de analisar dentro dos princípios da sociolinguística.

1.6 Objetivos da pesquisa

1.6.1 Objetivo geral

Investigar as variedades linguísticas existentes no Assentamento Nova Conquista, Cáceres- MT. Por meio de entrevistas, canções e causos e propor sua utilização pedagógica na escola.

1.6.2 Objetivos específicos

- Identificar as variedades linguísticas existentes na comunidade Nova Conquista por meio de falas causos e canções.
- Investigar como a comunidade interage com as variedades linguísticas.
- Investigar como a escola da comunidade lida com as variedades linguísticas.
- Propor estratégias de trabalho pedagógico com as variedades linguísticas da comunidade na escola.

1.6.3 Pergunta pesquisa

Quais são as variedades linguísticas existentes na comunidade Nova Conquista, conforme aspectos da Sociolinguística e como elas podem ser utilizadas na escola?

Esse capítulo contextualiza a intencionalidade dessa pesquisa que é o de abordar as variedades linguísticas da comunidade Nova Conquista Cáceres- MT. E de acordo com os parágrafos anteriores, demonstram que acontecerá uma investigação, e análise entre as variações de falas, causos e canções. E como recurso metodológico conta uma pesquisa etnográfica.

CAPÍTULO II

NESTE CAPÍTULO ABORDAMOS UM BREVE CONTEXTO HISTÓRICO DA LUTA E DA CONQUISTA DA EDUCAÇÃO DO CAMPO NO BRASIL

2.1 A luta dos movimentos por uma Educação Básica do Campo

O processo histórico pela conquista da educação para os povos do campo, em nosso país se dá através dos movimentos sociais, que lutam incansavelmente. Entre esses movimentos, destaque ao Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) que traz como exemplo para sociedade a garra e persistência em mostrar que é possível garantir vida digna para quem acredita na luta social.

Falar em educação não é simplesmente garantir sala de aula e professor para trabalhar com alunos, por isso, que no período de mobilização os gritos de ordem **Educação do Campo** apresentam o sentido de um novo significante. Caldart (2004, p. 13) afirma em seus escritos "ser esse o momento do batismo coletivo de um novo jeito de lutar e pensar a educação para o povo brasileiro que vive e trabalha **no e do** campo". E isto é vai muito mais além, no sentido de só existir um espaço físico para educação.

E a luta pela terra foi mostrando isso aos poucos, quando apresentam a construção das primeiras escolas do campo, ainda com lona preta e palha de coco bacuri no telhado, com a finalidade de reconhecer, ajudar e fortalecer os povos do campo como sujeitos sociais, que simultaneamente contribuem no processo de humanização do conjunto da sociedade (CALDART, 2000)

Em síntese Caldart (2000, p.64) diz: quem faz a escola do campo são os povos do campo, organizados e em movimento. Por isso, surgiram então escolas itinerantes nos acampamentos, com a finalidade de atender toda criançada em idade escolar que se encontrava nas áreas de acampamentos e assentamentos. Com a perspectiva de propiciar condição devida para os acampamentos e assentamentos bem como para as famílias, que escolheram esse meio para viver.

Nessa perspectiva de poder avançar a discussão sobre educação voltada para realidade dos povos do campo, mas, com um diferencial que fosse construída pelos seus próprios sujeitos. E a partir desse pressuposto intelectuais orgânicos do MST, levam à discussão da Educação do Campo em nível nacional, convocando vários seminários, encontros nacionais, chegando ao ápice com a I Conferência Nacional em Educação Básica do Campo. Em Luziânia no ano de 1998, contrapondo o modelo de educação rural vigente no país. Foi em 1998, com o acontecimento da I Conferência Nacional de Educação do Campo que nasce o "movimento por uma Educação do Campo".

Nesse sentido, os movimentos sociais perseveraram lutando a favor da valorização de educandos (as) e das famílias assentadas e acampadas, e pela implantação de escolas em todas as áreas de acampamentos e assentamentos e também o conceito de Educação do Campo, não como programas de governo, mas sim, como criação de políticas públicas por parte de governo em nível municipal, estadual e federal em todo o país. Mas, com uma preocupação que elas fossem construídas pelos seus sujeitos do campo, que reconhecem a sua autonomia e a capacidade de construção (CALDART, 2002), de um projeto educativo próprio.

Neste sentido, nasce a Educação do Campo, sendo filha da luta pela terra, uma contraposição à Educação Rural, em que era associada a uma educação atrasada e sem estímulos e os seus programas de educação chegavam prontos para serem desenvolvidos sem contar com a participação dos sujeitos. E assim, a Educação do Campo, precisa tomar posição no confronto de projetos de campo: (CALDART, 2007, p. 71). “Contra a lógica do campo como um lugar de negócios, que expulsa famílias [...]”.

Para Caldart, o termo “Educação do Campo é já não mais educação rural, ou seja, educação para o meio rural”. Essa proposta nasceu com o propósito de pensar uma concepção de educação para os povos do campo. Sendo um processo de construção pensado e gestado com a participação dos camponeses e com a experiência da trajetória histórica das lutas e de suas respectivas organizações.

E esta educação aos poucos vem conquistando seus direitos, seu espaço, devido ao fato de conseguirem enquanto movimento social discutir coletivamente a realidade educacional de todo o campo brasileiro. Por isso, é necessário e importante não se acomodar e esperar que o Estado possa garantir as Leis na área

da educação, saúde, porque, a luta é quem constitui seus sujeitos emancipados e reivindicadores de seus direitos.

[...] seria demasiado, ingênuo, até angelical de nossa parte esperar que a “bancada ruralista” aceitasse quieta e concordante a discussão nas escolas rurais e mesmo urbana do país, da Reforma Agrária, como projeto econômico, político e ético da maior importância para o desenvolvimento nacional. (FREIRE, 1996, p. 111)

Sendo assim, o inquietar-se dos movimentos sociais faz com que a sociedade organizada se mobilize e busque através das manifestações diante do poder público, a reivindicação da existência e garantia de políticas públicas. Uma alternativa que visa resolver ou amenizar a falta de escola do campo e não apenas inserção das políticas compensatórias ou programas. Desta forma, a Educação do Campo se faz através dos Movimentos Sociais, com seus diferentes sujeitos, pequenos agricultores, quilombolas, povos indígenas, pescadores, ribeirinhos, roceiros, Sem Terra.

Diante de inúmeras lutas, foram aprovadas as Diretrizes Operacionais para a Educação Básica nas Escolas do Campo, que anunciam recomendações aos governantes, medidas relacionadas à educação escolar que possa atender a população camponesa e representar um novo Brasil rural, com novos caminhos, envolvendo uma organização permanente, para fortalecer a discussão da Educação do Campo no âmbito nacional. O Artigo 2º das Diretrizes Operacionais para a Educação Básica nas Escolas do Campo institui:

Estas Diretrizes, com base na legislação educacional, constituem um conjunto de princípios e de procedimentos que visam adequar o projeto institucional das escolas do campo às Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação Infantil, o Ensino Fundamental e Médio, a Educação de Jovens e Adultos, a Educação Especial, a Educação Indígena, a Educação Profissional de Nível técnico e a Formação de Professores em Nível Médio na modalidade Normal. (Diretrizes Operacionais da Educação do Campo, 2002, p. 33)

A Educação do Campo surge da cultura dos povos camponeses, tendo uma relação dialógica mediada por diversos pensadores, que defendem a justiça social e vida digna para a classe trabalhadora que sempre ficou à margem dos direitos

sociais em nossa sociedade. Pois, o conhecimento jamais pode ser negados no cotidiano escolar e os sujeitos, e assim esses sujeitos escrevem sua própria história de existência. Por isso, esta educação é composta de princípios verdadeiramente essenciais para as ações educativas e paulatinamente podem e são construídas intencionalmente.

Por isso que a luta é constante em prol das conquistas de políticas públicas para garantir a permanência e resistência das famílias assentadas através dos programas de Reforma Agrária no campo, que só foi vista pela sociedade a partir da coragem desbravadora dos movimentos sociais, entre eles o MST.

Entretanto, na luta há necessidade de práticas voltadas para a reflexão das atividades educativas que são desenvolvidas nos acampamentos e assentamentos, através da práxis, que significa ação e reflexão. Instrumento que proporciona a compreensão do que realmente é a Educação do Campo. O processo educativo que acontece paulatinamente, com princípios organizativos que foram herdados das lutas dos movimentos sociais, tem como foco a humanização de seus sujeitos e de toda convivência social da comunidade.

Por isso, os princípios organizativos, humanizadores e integradores devem ser instrumentos utilizados para essa construção, afim de que as escolas possam ser um espaço educativo, emancipador e libertário para seus educandos que têm o poder de ouvir, criticar e posicionar a favor ou contra ao que lhe diz respeito. Sendo assim, a formação emancipadora proporciona ao protagonismo de sujeitos na construção de sua própria história e a história coletiva da comunidade.

Desta forma, o objetivo maior da Educação do Campo, para com as escolas do campo, bem como, para com as famílias e os educandos é buscar a unificação do compromisso e garantia de qualidade de vida digna, em cada território em que existam famílias assentadas e também em comunidades tradicionais, quilombolas, indígenas e ribeirinhos.

No entanto, esta perspectiva traz o desafio de pensar e repensar a escola, e desta forma, provoca mudanças na forma de agir e pensar à vida das pessoas, que convivem nesse contexto. E um dos grandes desafios encontrados é o de fazer com que a comunidade e escola consigam dialogar para construir qual é a concepção de educação que ambos almejam, para que de fato esta possa ser um instrumento importantíssimo na organização interna de sua comunidade, seja ela no processo

cultural, estrutural e nas formas organizativas de convivência social e também coletiva.

CAPÍTULO III

FUNDAMENTOS TEÓRICOS

Os fundamentos teóricos desta pesquisa são baseados em pesquisadores da Sociolinguística: Calvet (2002), Bagno (2001) e (2007), Sousa e Vellasco (2007) e (2003), ALKMIM, (2001); entre outros que serão pesquisados. Neste capítulo será abordada uma breve introdução à linguística e seus pressupostos. E faz um caminho entre a vertente sociolinguística e os níveis de variação linguística.

3.1 Uma introdução (sócio) linguística

A Linguística é uma ciência que estuda a linguagem humana, e tem uma grande importância, pois, ela oferece suporte para todas as outras ciências. Por que ninguém sobrevive sem a língua e a comunicação. A linguística se tornou ciência no final do século XIX, e Ferdinand Saussure é reconhecido como o pai da Linguística moderna. Saussure, que começa a estudar os registros orais, através da linguística estruturalista, percebe que há fonemas, morfemas, etc. Ele se preocupava em entender a estrutura da língua, mencionando a língua com instrumento social.

Segundo Saussure a língua é um sistema abstrato utilizado para a comunicação das pessoas e que compreende a fonética, morfologia, sintaxe e semântica. Para ele, a língua é social e a fala é um ato individual, e assim, argumentava que a fala depende da vontade da pessoa.

Neste sentido, o estudo Linguístico saussuriano descobre que havia lacunas, ou seja, espaços que não foram preenchidos. Ele define a língua (*langue*), sendo vista por ângulo social, um objeto central em oposição à fala (*parole*) considerada individual. Para Hora (2004, p. 15), a língua era tida por Saussure como um sistema de regras, em forma sincrônica, sobretudo, a língua era considerada e analisada de forma estática, homogêneo.

Desta forma, Saussure analisava a língua como um conjunto de unidades que estão organizadas formando um todo, “sua intenção não era formar um sistema de uma língua particular, mas elaborar um sistema de conceitos gerais que pudesse dar

conta de todas as línguas” (HORA, 2004, p. 15). Esse estudo não levava em consideração o falante e os diversos modos como a língua se apresenta. Por isso, ele privilegia a língua como seu objeto de estudo, pois, considerava como um “sistema subjacente (ALKMIM, 2001,p.28) à atividade da fala, mais concretamente é o sistema invariante que pode ser abstraído das múltiplas variações observáveis da fala”.

3.2 Na linha da Sociolinguística

Para compreender a Sociolinguística é preciso perceber inúmeras discussões elencadas na perspectiva de vários teóricos a respeito da língua e suas especificidades. Sobretudo diante dos fenômenos que permeiam a língua com seus significados apresentados pela fala em diversos contextos mediante aos fenômenos fonético-fonológicos, morfossintáticos, semânticos, lexicais e pragmáticos, surgindo então os estudos da língua e sociedade que veremos adiante.

De acordo com Bagno (2007), a Sociolinguística surgiu nos Estados Unidos em meados da década de 1960, quando muitos cientistas viram que não era mais possível estudar a língua fora de sua sociedade. E William Labov impulsionou a realização desta perspectiva da língua e sociedade sendo considerado o pai da sociolinguística.

Segundo Labov (apud ROJO, 2007), a sociolinguística é uma corrente da linguística assumindo diversas formas de compreender a língua. Diz ainda que ela é social e que jamais pode pesquisá-la colocando à margem o seu sujeito falante. Nesse sentido, encontramos na sociedade pessoas com habilidades variadas e o mundo da linguagem falada e escrita não é diferente. O ser humano perpassa por processos desafiantes, bem como, processar o conhecimento adquirido e ampliado em seu cotidiano.

Bagno (2007, p.38) afirma que um dos objetivos primordiais da sociolinguística, construído em um trabalho científico, é necessariamente poder “relacionar a heterogeneidade linguística com a heterogeneidade social”. E ainda acrescenta que “Língua e sociedade estão indissolivelmente entrelaçadas, entremeadas, uma influenciando a outra, uma constituindo a outra”.

A Sociolinguística pode ser dividida em duas subvertentes: a interacional e a varacionista. A interacional tem como objeto de estudo a interação linguística e extralinguística (expressão corporal e facial, gestos, etc.). A fala, as canções, por exemplo, mediam a interação do indivíduo ao meio e com as pessoas em que convivem. Isto é, a forma em que encontra a situação de uso, em relação ao que está dizendo, a quem, onde e como está dizendo.

Para Sousa (2006, p. 25):

Os conhecimentos da sociolinguística interacional possibilitam ao pesquisador [...] em investigar e buscar novas experiências na interação face-face. Pois, ela está ancorada nos conhecimentos da linguística, sociologia e antropologia.

Contudo, a interação do sujeito constitui-se através do uso da linguagem e dos acúmulos que vão sendo apreendidos e construídos ao longo do tempo, mediados pela convivência em sociedade que se constitui. Segundo SOUSA (2006, p. 27) nos “diversos domínios como família, escola, trabalho e em diferentes encontros sociais”.

Quanto à sociolinguística variacionista, ela tem como precursor William Labov. É a vertente que busca analisar os fatores linguísticos em um contexto social, ou seja, leva em consideração fatores como a idade, o sexo, o nível social, a origem étnica, etc. Ele afirma que essas características do locutor (falante) e do interlocutor (ouvinte) podem influenciar no modo como o indivíduo usará seu repertório ao se comunicar.

Como a língua pode variar de um lugar para outro, há uma necessidade minuciosa de investigação, por parte do pesquisador, a perceber e reconhecer as diversas formas de linguagem que o indivíduo utiliza para se comunicar, em que não deixa de lado a sua identidade e os fatores que influenciam na variação linguística em que apresentam os aspectos de sua origem geográfica.

Esta criatividade é carregada de seus antecedentes com uma grande influência de valores crenças e de acordo com a peculiaridade de cada falante. Em que traz uma visão de mundo em sua diversidade de vocabulários que dão as características em como cada falante se relaciona e interagem ao meio (BAGNO, 2007). Geralmente essas criatividade acontecem por meio de causos, canções, de

falas que são proferidos com a intenção de fazer com que o interlocutor retome ao seu contexto e de certa forma se veja neste diálogo como se fosse também a sua história.

Essas características são visíveis ao meio em que aconteceu um processo migratório quando esses falantes ampliam a localidade com suas experiências vividas socioculturalmente em outras regiões e juntos formam um leque riquíssimo na oralidade sendo verdadeiros atores sociais que fazem da língua uma constante transformação no modo de interagir com outros.

Por exemplo, a abordagem deste trabalho monográfico que tem a preocupação de evidenciar essas características vivas na comunidade pesquisada, que é expressa nos causos que trazem as diferentes realidades narradas pelos falantes e também nas canções que carregam os traços regionais seja nas crenças narradas ao cantar as músicas de santo, e nas novenas, bem como nas músicas regionais que representam a identidade dos falares cuiabanos matogrossense.

Para Bagno (2007, p.36), a língua na concepção dos sociolinguístas, é “intrinsecamente heterogênea, múltipla, instável e está sempre em desconstrução e em construção”. Acrescenta que ela é uma atividade social, um trabalho coletivo, empreendido por todos os seus falantes, cada vez mais que eles interagem por meio da fala.

Para Meillet (*apud* ALKMIM, 2001, p.24), “as línguas não existem fora dos sujeitos que as falam”, por isso a língua é uma realidade simultaneamente linguística e social. E desta forma, a sociolinguística estuda e analisa a língua considerando seu caráter individual e social. Por isso, cada indivíduo apresenta seu modo particular e pessoal ao usá-la, ou seja, utiliza a sua variedade que melhor lhe condiz principalmente quando se expressa oralmente sem preocupar-se em monitorar sua fala.

Sobretudo, a existência dessa variedade depende de diversos fatores como: sexo, idade, origem e convivência sociocultural, origem esta que contextualiza o momento que a fala acontece. É notável e necessário justificar que esses diversos falares acontecem entre um conjunto de regras, ou seja, por uma “língua”. Por exemplo, podemos encontrar e formular a estruturação de frases utilizando verbo, sujeito e geralmente as concordâncias verbais e nominais não são expressas de

forma mais monitorada mesmo por pessoas que têm um nível de escolaridade maior.

Esse fato comprova que, mesmo que a pessoa saiba as regras exigidas pela língua portuguesa padrão, o fato de as pessoas conviverem em ambiente sociocultural de falantes, certamente, prepondera suas regras na oralidade. Tudo isso explica que a língua varia de acordo com o seu falante que movimenta em um determinado espaço e outro. Conforme, Alkimim (2001, p.26), “é dentro da, e pela língua, que indivíduo e sociedade se determinam mutuamente”.

3.3 Variedades linguísticas

Uma variedade linguística é compreendida como os diversos modos de expressar uma língua, com suas variações nos níveis fonético/fonológico, morfológico, e semântico. Esses diferentes modos de falar ligam-se aos fatores sociais em seu lugar de origem, idade, sexo, classe social e grau de instrução etc. É importante enfatizar que o Brasil é um laboratório em tese para percebermos esses fatores que estabelecem as mudanças linguísticas, pois, a heterogeneidade pode ser vista em diversos modos. Como diz Bagno (2007, p.37-38):

Em qualquer rua movimentada de uma cidade brasileira passam- a pé, de carro, de ônibus, de bicicleta, de motocicleta, de cadeira de rodas, às vezes até a cavalo... - pessoas de ambos os sexos, das mais diferentes faixas etárias, de múltiplas origens étnicas, de todas as classes sociais [...] Como seria possível imaginar que toda essa gente, tão diversificada, tivesse que falar a sua língua da mesma maneira? (2007 p.37-38):

A variedade linguística é reconhecida pelos seguintes tipos de variações: O dialeto, segundo Bagno (2007.p.48), é caracterizado pelo uso da língua de um determinado lugar, região e província. O estudo dos dialetos surgiu no século XIX, sendo uma disciplina chamada dialetologia, considerada percussora da Sociolinguística moderna.

Para Sousa e Vellasco compreende-se também um dialeto sendo “um sistema linguístico variante de uma língua comum, viva ou desaparecida;

normalmente, com uma concreta delimitação geográfica, mas sem uma forte diferenciação diante dos outros dialetos da mesma origem” (2001.p.62).

Por isso, Bagno (2007) afirma que de acordo com a origem geográfica a língua varia mediante a esse fator. A linguagem torna-se característica potencializadora da identidade do sujeito falante que se expressa espontaneamente de forma criativa e os modos de falar são sempre variados. Por isso, os modos de falar mudam com o tempo, pois, a língua é dotada de um dinamismo que acompanha as mudanças da própria sociedade.

Nesse sentido, ao compreender a ciência que estuda a linguagem, fica nítido que uma vez que o sujeito aprofunda o seu aprendizado minuciosamente e diretamente ao som da fala emitido, ou seja, ao som fonológico, percebe que a variação linguística não acontece por acaso, mas esclarece-se que a língua é uma atividade social e interacional. Pois, é possível por um mesmo, instrumento materializar diversos contextos e sentidos que causam estranhamento e julgamentos pelo som que surge inexplicavelmente pela fala.

Diante disso, surgem comunidades diferentes e automaticamente vivenciam experiências diferenciadas e assim perpassam por diversas alterações simultaneamente nos sistemas linguísticos como: o léxico, a morfologia e a sintaxe. Por exemplo, quando um determinado grupo que usa o monitoramento da fala, por sua vez esse grupo apresentará certa variedade diferente a de um feirante, que utiliza também o mesmo fenômeno, que é a fala para comunicação na venda de seu produto.

Esse recurso é adotado e reconhecido como um recurso linguístico popular, isto é, a forma não monitorada usada para veicular sua comunicação e desta forma esse feirante concretiza a sua variante linguística. Sendo assim, pode-se dizer que a língua é um fenômeno privilegiado e é a identidade visível de toda a população. É um instrumento utilizado em qualquer que seja o continente, caracterizado como o meio de comunicação inexplicável entre os homens, não só pelo fato de comunicar, mas bem como de interagir os sujeitos falantes em determinado espaço, e também pelo fato desse fenômeno unir as expressões criadas e mantidas pelos falantes com suas variações.

A variação linguística “se manifesta em todos os níveis de funcionamento da linguagem” (SOUSA e VELLASCO, 2007.p. 56). Desta forma, em um país como o

Brasil, mesmo tendo uma única língua registrada na Constituição Brasileira, ela não é usada da mesma forma por todos os falantes. Encontramos diferenças fonológicas, morfossintáticas e semânticas nas diversas regiões. Isso ocorre devido à extensão territorial do país. Por outro lado, sabemos que temos cerca de 275 (fonte) línguas faladas no Brasil.

Sendo assim, ao retratar o conceito de variação linguística, pode-se perceber que a língua portuguesa não é representada de “forma uniforme em todo em todo território brasileiro” (SOUSA e VELLASCO, 2007.p.57). Conforme Bagno (2007), a língua é uma realidade intrínseca, heterogênea, variável e mutante. Neste sentido, os níveis da variação necessitam de uma análise profunda para identificar os sons de cada um. Todavia, uns são responsáveis pela ordem e apresentação das palavras e outro pela troca dos sentidos das palavras.

No que diz respeito à morfossintaxe Sousa e Vellasco, em sua edição Língua materna II caracteriza-a da seguinte forma:

Muitas vezes, por analogia, por exemplo, algumas pessoas conjugam verbos irregulares como se fossem regulares: “manteu”, em vez de “manteve”; “ansio”, em vez de “anseio”. Certos segmentos sociais, “vinheru” em vez de vieram. Na fala não monitorada, as pessoas tendem a não realizar a concordância entre o sujeito e o verbo, e isso ocorre com mais frequência se o sujeito está proposto ao verbo. Há ainda variedade em termos de regência: “eu lhe vi” ao invés de “eu o vi”. (2007.p.59).

A morfossintaxe tem um papel fundamental para análise da língua em seu estado atual em relação à formação de palavras. As sentenças quando formadas são inseridas de maneira aleatória. E assim elas obedecem a uma ordem e é por meio dessa ordem que pode identificar o papel que cada classe gramatical desempenha em uma frase ou em um texto. É preciso compreender a maneira em que as palavras se organizam e contribuem para criar diversos sentidos. Ao analisar morfossintaticamente um texto, o elemento que está empregado como substantivo, por exemplo, uma vez analisada se ganha uma outra função.

Para os aspectos lexicais, Sousa e Vellasco dizem que são “palavras empregadas em sentido específico de acordo com a localidade” (2007.p.59). Entretanto, a variação lexical varia de região para região embora estejamos em um mesmo país. Exemplos: Percebe que na região sul do país fala-se “guri”, enquanto

na região sudoeste de Mato Grosso distingue-se “menino”. Todas essas expressões lexicais têm como referência uma criança do sexo masculino.

No que diz respeito à semântica, uma palavra pode ter outro sentido dependendo da origem regional do falante. Por exemplo, a palavra *avexar* pode significar “causar vergonha -” ou “apressar”. Para tanto, é percebido que o objeto de estudo das relações dão sentido ao seu significado.

Já para a fonologia, os sons emitidos na pronúncia do falante e ao se identificar o s/chiado que representa os sons do fonema/x/ ou /ch/.

Quando pronunciamos palavras com a letra ‘r’, ocorrem variações regionais, como por exemplo, em ‘certa’ que se realiza: [sɛxta], [sɛhta], [sɛrta], [sɛɾta].

A unidade de estudo da fonologia é o fonema que, segundo Sousa e Vellasco (2007.p. 81), são “os sons com função ou significação linguística”. Por exemplo, nas palavras **mata**, **pata**, **lata**, ao mudar os fonemas muda-se completamente o significado, trocam-se as letras, emitem-se som fonológico com valores e funções distintos.

Na variação linguística pode-se classificar os tipos de variações em que explica como acontece o fenômeno variacional da língua falada, entre os aspectos sociais, geográficos e estilísticos e Bagno apresenta esses níveis da seguinte forma. Que são classificados como: Nível extralinguístico da variação linguística, veja os exemplos

A variação diatópica ocorre na comparação entre os modos de falar de lugares diferentes, como nas grandes regiões, estados, zona rural e urbana. O adjetivo diatópico origina-se do grego *Diá-* que quer dizer “através de”, e *Topos*, que advém de “lugar”. (BAGNO, 2007.p.46)

Para a variação diafásica ou variação estilística, representa o uso diferenciado que cada indivíduo faz da língua de acordo o grau de monitoramento que lhe confere ao seu comportamento verbal. (Bagno, 2007.p.46).

Quanto à variação diacrônica, é a que se verifica na comparação entre diferentes etapas da história de uma língua, por isso, a língua muda com o passar do tempo.

Já a variação Diamésica ocorre na comparação entre a língua falada e escrita. E esse adjetivo (BAGNO, 2007, p.46) vem de *DIÁ-* origina do grego *Mésos*, significa “meio”, que tem sua relação semântica de “meio de comunicação”.

Por outro lado a variação geográfica caracteriza pelos fatores extralinguísticos que faz com que a “língua varia de um lugar para outro” conforme Bagno (2007,p.43). Desta forma, é possível identificar os diferentes sotaques pronunciados através da fala que carregam a origem que correspondem a sua origem geográfica.

3.4 Língua materna e norma padrão

A língua materna pode ser compreendida como a primeira que foi apreendida desde aos primeiros contatos com a linguagem no seio familiar. Uma criança quando chega ao seu primeiro contato com a oralidade, já tem consigo uma gramática internalizada. Bagno (2007, p.187) afirma que “uma criancinha de 5 anos de idade já é perfeitamente capaz de reconhecer uma expressão linguística como pertencente ou não a sua língua materna!”. Sendo assim, de forma natural já desenvolve uma atividade comunicativa e conseqüentemente esta atividade comunicativa se torna complexa, pois, mobiliza tipos diferentes entre saberes e competências.

Neste sentido, para Sousa e Vellasco uma “língua natural é uma língua que surge naturalmente para a comunicação dos homens” (2007.p.41). Assim, realizamos a nossa faculdade da linguagem ao corriqueiro cotidiano, todavia, a língua por ser infinita, é também polissêmica e ao praticar o ato da linguagem somos seres plenos nos sentimos realizados em proferir os traços históricos autênticos e culturais de forma organizada e mantendo o seu vocabulário vivo.

Desta forma, a língua é o código que surge espontaneamente, tem o poder de agir dialeticamente com um objetivo maior que é o de interagir o homem na sociedade com suas especificidades e tal qual encontrar possibilidades diversas de sobrevivência por meio do ato da linguagem (SOUSA & VELLASCO, 2007.p.40-42) independentemente da idade, sexo e grau de escolaridade.

Para tanto, Bagno (2007, p.187) enfatiza que:

Qualquer falante de uma língua é o melhor gramático que existe, pois a funcionalidade do léxico proferido é fascinante e pode até a ciência linguística procurar dar explicações de forma sistêmica para tais funcionamentos por meio da gramática da língua.

Neste sentido nem mesmo um gramático não consegue dar todas as respostas, por que, a dinâmica da língua falada, através, de um falante, é de tamanha criatividade que não é possível detectar tudo o que está por trás, embrenhado e acima do uso espontâneo, flexível e natural de um falante.

Em relação a estes fatos é que a escola, enquanto instituição de ensino deve dotar-se da reflexão crítica e investigativa no sentido de compreender as interfaces que a língua detém em seus diversos gêneros discursivos presentes na oralidade que não usam regras para a sua transmissão. Embora esses falantes se frustrem quando chegam à escola e deparam que a mesma língua de uso ao ser estudado esconde faceta, devido à forma com que é abordado o ensino.

Segundo Bagno (2002.p.165),

A escola tem como objetivo ensinar a língua materna. Tendo em vista que quando a criança chega à escola, ela já é dotada de um vocabulário constituído e construído no seio familiar e pelos que foram colaboradores no processo de formação a sua volta, ou seja, ao seu meio de convívio social. Por isso, a escola necessariamente deve compreender e reconhecer esta preliminar da língua materna e o conjunto de suas variações. E razão a isso “saber para que serve a língua”, a fim de ampliar um saber que já existe e explorar a partir daí com a finalidade de “compreender o papel importante que a língua desempenha no ensino e nos aprendizados escolares.

Sobretudo, a metodologia utilizada inibe os falantes e ao mesmo tempo são vistos como problemas, ao considerarem que falam errado, porque não apresentam coerência e coesão na oralidade. Neste sentido, gera um grande “abismo” (Bagno, 2007), por causa da forma em que é aplicada a metodologia de ensino da língua portuguesa nas escolas. E assim, se distanciam drasticamente as variações do português brasileiro falado pelos falantes brasileiros. Conforme Bagno (2007, p.94) em que fomenta no sentido de que esta forma de ensino.

Despreza ou condena as variantes mais frequentes empregadas pelos brasileiros, incluídos aí o falante com alto grau de escolarização e membros das classes privilegiadas surge então o estranho sentimento que a maioria dos brasileiros tem que “brasileiro fala mal o português” ou de que “português é muito difícil”.

Diante desta situação aqui abordada, vale salientar a necessidade da compreensão e sensibilização dos educadores em exercício e/ou em formação, desenvolverem uma metodologia que reconheça a realidade dos seus educandos. Para contextualizá-la historicamente sobre a variação linguística e também apresentar que há uma gramática normativa, em volta de sua língua materna e que a gramática normativa também norteia a escrita da língua. Sobretudo é preciso trabalhá-la de forma humana, no sentido que a criança aprenda que a fala não pode ser apresentada na escrita. E assim, faz com que este fenômeno enquanto escrita não deixe neutralizar as variações linguísticas.

Por isso, os professores de língua portuguesa precisam perceber a heterogeneidade da língua falada. Para compreenderem o desvio da composição fonética do falante, e pode-se contar com os metaplasmos que são fenômenos que auxiliam o ensino da língua quando encontramos palavras representadas através da escrita, em que acrescentam, suprimem, permutam ou transpõem fonemas. Cada fenômeno há um significado que justifique o emprego ou redução destes fonemas de acordo com a apresentação fonético-fonológica que geralmente ocorre devido à variação linguística de um falante.

CAPÍTULO IV

ANALISANDO E REVELANDO A DIVERSIDADE LINGUÍSTICA DA COMUNIDADE NOVA CONQUISTA

Este capítulo apresenta a análise dos dados coletados através de 12 questões de entrevista, realizada com 07 pessoas, sendo 04 professores formados em pedagogia, dentre esses, três professores estão em exercício. E um está desenvolvendo o trabalho de coordenador pedagógico. Há também a contribuição de três moradores da comunidade. Sendo uma pessoa do sexo feminino, que possui o ensino fundamental completo feito na EJA (Educação de Jovens e Adultos). E uma pessoa do sexo masculino, que têm o primeiro ano do ensino fundamental. E mais uma pessoa do sexo feminino que possui o ensino médio.

Todas as pessoas citadas responderam ao questionário. Os professores responderam através da escrita e oralidade. E os moradores responderam de forma oral. Todas essas pessoas que contribuíram com esse trabalho são moradores da comunidade Nova Conquista.

Visando, uma melhor organização de resultados, esse capítulo apresenta a coleta de dados, e foi dividido em três tópicos como: as falas, as canções e os causos, as análises do questionário e a análise linguística com outras variações encontradas. E os dados coletados são analisados de acordo com os níveis de variação: fonético-fonológica, morfossintático, semântico e lexical.

As informações serão analisadas de acordo como ocorreram nas falas, e os exemplos serão apresentados na íntegra da fala de cada pessoa. Foram aproveitados e explorados os momentos de acontecimentos de fala em reuniões, festas e conversas de amigos nos lugares de aglomeração de pessoas nos finais de semana, espaços considerados de convivência social dos sujeitos da comunidade.

No primeiro tópico, serão apresentadas as falas que são a mediação da interação dos sujeitos falantes que se apropriam dos diálogos em seu cotidiano. Através dos causos, das novenas que homenageiam a um determinado santo e das canções tradicionais. Em que foram observadas e gravadas nos dias de novena, momentos de tradição de cultuar a fé em certa devoção. Esse momento é sagrado para os sujeitos em que demonstram alegria, fraternidade entre os que estão

presentes, e independente de sua origem. O mais importante para esse momento é que todos participem e louvem a Deus em uma só voz. A interação nessa sociedade necessita da fala mediada pela canção que dá ritmo do início ao fim dos louvores ao santo homenageado.

4.1 Variação Fonética - Fonológico

As falas espontâneas são transcritas aleatoriamente seguindo as canções de novena, trechos da canção tradicional Sirri e trechos de causo contado. Os dados estão expostos em apêndices, na íntegra, conforme o uso de fala do falante. A preocupação da pesquisa é garantir a visibilidade da diversidade linguística dos integrantes de fala.

Paulista- Jovem G. A. N. ...fia..pensei que ia morrê...fui cortá cana pá vaca. E o suó mi deixo moiadinho..descia pela carça a fora. Achei qui não ia ta no mei doceis mais não. (8:hs da manhã, 21/09/13, por telefone)

Mineiro-senhor J. S. T. ...Dexa o minino muintá no cavalo..a gente tem qui deixá as crianças sem dependê da gente. Vai pindia o cabelo..pá ficá bonito.. né ..memo. (9:hs conversa informal, 22/09/13)

Cacerense-senhor A. S....Má a gente não podê deitchá o tanque ir embora..se não vai falá quê nois somu preguiçoso.. nois..não é não. ãhãã. (29/09/13, ás 15hs, da tarde, reunião de produtores de leite)

Cacerense-senhora T.S....Espia.. só ele não tem jeitu memo..a gente tá falano.. e ele sai correno.. não ove o que tá falano. Os minino de oji não tem mais jeitu não.

Matogrossense,jovem D. T....natural de Araputanga “O armoço tá pronto tia neti,” o uso do r é muito utilizado nesta comunidade, durante os momentos de fala, que são realizados entre um diálogo e outro e até mesmo pelo radialista senhor **C. O**, da rádio local, em que veicula a comunicação para as comunidades da região e em todo o município. Exemplo; Ê população de Cáceres, assentamentos e toda região, “nóis, não vorta prá casa, chorando, mais vorta sorrino, por que nóis somo paulera, nóis não brinca não. Segura! Que nóis ta cheganu. (01 de setembro, véspera de rodeio, fala pela rádio da cidade, ás 12hs, divulgação da expocáceres).

Cacerense- senhora S. P.A....Já falei pro omi tem que cume um quebra torto.. dona Luzinete.. senão vai ficá doenti.. jururu. Mais ele num tá nem aí pá paçoca.

Cacerense-senhora R. A. O....Má agora quando! Eu não vô pá esse buteco porque vira sempre numa futxicaçada só. Tem monte de gente que é leva e trais..dá disgosto na gente..votê!

Cacerense R.P.M ...“o Coxipó encheu”, se lê/ o cotchipó entcheu/ [kotʃipɔ ẽtʃeu] .. O INCRA não vai fazê a [dʒũçãõ/] dos lotes?

Poconeana-U.N. R. ...o “abacaxi está verde”. [Abakatchi/] .. ocê [putchô/] meu cabelo.

Cacerense- M.S. ...“Acha quê vai ficá assim”, acha se fala: [atʃã/], Má quê que esse..., escuita, meu genro, [dʒɛŋro/] ocê tá demas de trabaidô

Nativa- T.S. ...“a senhora toma um chá”, chá se fala: [tʃã/] .. Essa gente tá de demas de braba. Gente se fala: [dʒãtê/].

Nativa-senhora T. S....Não tinha acompanhante, eu sozinha num vô ficá aqui. Se não tive acompanhante num vô detchá minha mãe..af vim..mando bate dois raio xis .Ligaram pra ele onti prá cadastrar borsa famia.. senão perdia o dinheiro.. chegou lá tava precisando da declaração..que já não constanu mais [...] mais isso num é um praga..né. oj cedinho aviso que já tava indo. Onti diz que arranjo os trem tudo.. cedo tem que ta lá..num sei o que ele arrumo.

...To mió minha fia..e a boca.. mais minina..parece que to comeno pó.. mais amarga.. mais amarga..mais amarga..como ta..tanto era ele /?/ uma cansera que tinha que ficá um copo dá gua..boca secava..ia ratchano meu beicho. Ma num to quentano nem cuidá das minhas galinhas.

...Fui ité numa muié qui Adão consulta cuela..diz que é uma benzentera..uma tá de Lurde. A mãe dele duvidá chega amanhã. Esse dois só vive nesse..fica duvido dum e duvido notro, hum!. Já vem da iscola nesse tropé..uai..diz que entraram pra crente prá concentrá.. mais só fica quebrantano um com otro.

...I tava inté cum dinherin..tava cum otocento reá..ma compro esse remédio.. cabo ... mas num sei o qui é..to mi ripiano tudo..ma tenho qui comê [...] Ele fez prestaçõn compro geladera.. tiro num sei que lá televison.. eta na casa aeio..e na casa aeio quanto mais ajuda ainda é poco. Disqui...

[...] quando o poço tava cheio, e tava enchendo a catcha [...] num tá funcionando encima..tem qui comprá outra.. entchia..entchia e perdia tudo.

4.2 Letra da canção de novena ao São Bom Jesus Da Lapa

...No arto do monte carváriu morreu nosso bom Jesus ele deu último suspiro nos braços da santa cruz.(bis)

...Fio da redenção ele tudo nos produz. Nós também cá na terra lovemos a santa cruz.

...Meu Jesus quando morreu deixou o mundo co luz..nus deixou a sua graça no braço a santa cruz.

...Momento de bejá o santooo! Minha gente.

...Chega meus irmãos, chega toda irmandade. Vamo nós todos bejá a santíssima trindade. A santíssima trindade na cidade samo bem. Levainóis todos na glória todos para sempre amém.

4.3 Trecho da canção tradicional Siriri

Oiá..á..á..á.. La..laia.. boi tá brabo no currá.. bera [...] e bem no mei do gula..a não é boi é maguá e bera do mei nu gula.

Eu vim..eu vim..eu vim de lá prá cá eu sô.. eu sô..eu sô de Cuiabá (bis).

Eu descí da murraria cum meu lacim na mão..prá laçá moça bonita.. sortero e casado não (bis).

4.4 Trecho do causo

Bota cachorro na onça..os cachorro dele era bom de onça.. nós vai, passamo a noiti..durmimo.. no outro dia cedo levantei..passei o facão na pedra.. cortanu cabelo..éoji.. queria vê o cachorro andanu.. quero vê ela acuada.. não meu fi leva uma ispingarda.. não.. ele disse leva essa daqui..me deu uma quarenta e quatro e

parti atrais de Carrera.. logo..logo ela acuo diz que quando atira na onça diz que ela vem.. vô incostar no acuri..que se ela vim vai incosta no acuri..e aí tei! É buf! Mato? Matei chego todo mundo..né.. eu cheguei na frente dela.. todo mundo oiano..conversano e tal..um véio chega o véio acostumado mais nessa hora esqueceu de avisar chego na boca..nunca mais ocê pega bezerro e oiô na minha cara e oôô...

4.5 Análise de algumas variações fonético-fonológicas pronunciadas em comum por todos os falantes pesquisados

Na variação fonética-fonológica das pessoas de todas as regiões revelam que há supressão no fonema final /r/ dos verbos no infinitivo “dependê”, “pindiá”, “ficá”, “concentrá”, “cuidá”, “comê”, “cortá” isso faz parte da variedade rural que está presente na urbana. Afirma Bortoni – Ricardo (2004,p.85) que este fenômeno varia no modo e no ponto de articulação do /r/ pós vocálico.

Já na conjugação verbal da primeira pessoa do plural pronunciada por todos os falantes em pesquisa apresenta dois fenômenos, que é a supressão do morfema {mos} e que ao fazer uma revisão no áudio, percebi que é pronunciado {mu} nas concordâncias verbais “ nós somu”, nós voltamu”.

Conforme Bortoni-Ricardo (2004, p.92) o /s/ é um morfema empregado no plural e tende a ser suprimido. E essa incidência foi encontrada nesses dados apresentados que justifica a presença de um traço gradual dos falantes. O outro fenômeno comum dos falantes, que foi encontrado nessa sentença é a ditongação “nóis” em que se explica a ocorrência da glide acrescido de uma vogal /i/ alta.

É percebida a supressão da semivogal /u/, “poco”, “ove”, otro”, que é um ditongo decrescente. Explica Bortoni- Ricardo (2004, p.94) que nesses casos de variação resulta na monotongação. E que já ocorre desde a evolução do latim no uso da língua falada. A monotongação ocorreu também nas palavras formadas por ditongo “bezendera”, “otocento” e segundo Bortoni- Ricardo a perda do /ei/ depende do “segmento consonântico”. Como /j/ na palavra “bejo” cantada na canção 4.2.

Esses fonemas são classificados sons homorgânicos e sua pronúncia acontece na região alta da boca. Ou seja, no palato. Registra Bortoni que as homorgânicas tendem sempre a monotongação. Tanto é que ocorrem em outros

lugares que antecedem /r/ e /n/. Como em /dinhero/ /bezendera/, /cansera/. Sendo assim segue a regra com a oclusiva /t/ que varia regionalmente. Exemplo de “otocento” falado por uma nativa T. S (4.1), em hipótese que pode ser um emprego a partir da convivência com outro falante de origem nordestina que agrega a sua família. De acordo com o dado de Bortoni (2004, p.97) essa variante é característico de um falante de “Paraíba e Pernambuco”.

E ainda na variação fonética – fonológico. No caso do ocois e ki, praticamente, muitas pessoas falam assim, com exceção dos falantes do sul ou de seus descendentes que estão em outras regiões e que levam seu socioleto para as localidades. De acordo com Bortoni- Ricardo o pronome de tratamento você do antigo vossa mercê sofreu vários percursos na língua como < vosmecê> você> até chegar a um estilo não monitorado <o (o) /cê/ e /cê/>, que são falados frequentemente pelas pessoas pesquisadas.

Diante disso, nas variantes muié, aeio, segundo Bortoni-Ricardo (2004, p.58) são típicos do rural contínuo. Esse fenômeno ocorre tanto em /muié/ que é um substantivo, bem como em /aeio/ que é um adjetivo. E essa variante ocorre uma semivocalização da consoante palatal /lh/ virando [j]. Há também a perda do /r/ final no caso de /trabaiá/ que herda um (BORTONI-RICARDO, p.58) traço gradual e que ocorrem geralmente nos infinitivos verbais.

A variação fonética- fonológico que pronunciam com o emprego da consoante (BORTONI-RICARDO, 2004, P.83) líquida /r/ que faz o uso contrário perfazendo uma passagem do /r/ pelo // como em “Armoço” (4.1), “último” (4.2), “sortero”(4.3). Esse fenômeno recebe o nome de lambdacismo. E esse movimento conforme Bortoni-Ricardo (2004, p.84) articula com a língua para trás. Produz um som retroflexo e que é mais comum no interior de Minas Gerais, Goiás e também no Mato Grosso. Esse acústico do /r/ retroflexo é conhecido como “R” caipira.

Nas falas que são mediadas pela canção e pelo causo encontra-se falares que são comuns entre os protagonistas da ação de fala que podemos constatar a seguir. O uso de conjunção pela assimilação da vogal /o/ média alta superior por vogal/u/ também média alta posterior. Transformação da vogal alta posterior /o/ e /u/. Veja o quadro com as transcrições fonéticas.

Fonemas	Palavras	Transcrição fonética
/o/	Com ela	/kû εla/
/o/	Andando	/ãdãdu/

Através desses dados de fala em uso percebe um movimento constante de supressão nos empregos de vogais médias e altas, e da consoante palatal /lh/. O que compreende uma sonoridade variante da concordância da palavra. Sousa & Velasco (2007, p. 47) explica que são “movimentos da língua dentro da cavidade bucal, para pronúncias das diferentes vogais”.

4.6 Análise de algumas variações fonética- fonológica considerada específica dos falantes nativos/cacerense/poconeanos da comunidade Nova Conquista. Em que carregam expressões e vocabulários que caracterizam as interjeições para expressar admiração, diálogo, repúdio.

/votê!/é uma expressão que representa medo e de espanto.

Futxicaçada- quer dizer que há muito fuxico

Não tá nem aí pá paçoca – esta pessoa não liga para nada.

Ê aaah! –momento de indagação

Ma agora quando? É uma interjeição de dúvida.

Espia- quer dizer olha aqui, olha ali.

Veja o quadro que apresenta a variedade linguística com especificidade da comunidade através da transcrição fonética.

Consoante/vogal

IPA	PALAVRA	TRANSCRIÇÃO FONOLÓGICA
/g/	Gente (4.1)	/ dʒêê/
/j/	Junção (4.1)	/ dʒũção/

/x/	Puxa/ abacaxi (4.1)	/putcha/ Abakatchi/
X	Fuxico (4.1)	/futchicaiada/
A	Quando (4.1)	/kãdu/
I	Até (4.1)	/tɛ/

Na variação fonético-fonológica que apresenta as fricativas [dʒ], cabe aqui destacar os traços linguísticos dos falantes em seu léxico como: /gelo/, [dʒelu], /genro/ [dʒenro], /jóia/ [dʒoia]. E alternância das africadas e fricativas. [dz] [dzeitu], [tʃ] [tʃuva] / Como esses falares são marcas nesse, Assentamento em pesquisa. Fez-se necessário buscar ao menos uma breve explicação para esse fenômeno. Para compreender quais são os fatores que influenciam nesse dialeto. De acordo com Arruda (apud Lima; Silva 1998:107 in Arruda), “a quem atribui à origem do som fonético “CH” [TCH].

Fato de ter tido a origem espanhola percorrido em Mato Grosso. Após a abertura da navegação do Rio da Prata, em 1858, até a inauguração da Estrada de Ferro Noroeste do Brasil, em 1914.

Diante desse pressuposto uma das explicações desses traços linguísticos fazerem parte do linguajar desses povos nativos. Deu-se através da interação dos seguintes aspectos através dos Bandeirantes. E também por meio das características da língua falada no espanhol como também através da língua falada pelos índios Bororo que constituía na época. Por outro lado Silva diz que: (apud Lima; s/d:34)

Essa pronúncia é usada ainda, pelos caipiras de São Paulo e foi transplantada para o nosso estado pelos bandeirantes que conservavam ainda os modos de pronúncia arcaicos dos primitivos colonos portugueses.

E a partir dessa análise percebe que os colonos portugueses expressavam, [tchuva], [catchorro], como falar também [dgente], [djeito]. E através dessa variante foi se constituindo o dialeto, mediante que esses traços, tiveram em direção ao Centro-Oeste, no século XVIII. Esses dados conferem a contribuição dos estudos sociolinguísticos que tem como ênfase (ALKMIM, 2001. p.73) “trazer à luz a diversidade como objeto verdadeiro de estudos”[...]

4.7 Análise linguística de outras variações encontradas

A variação fonético-fonológica é caracterizada pelas diversas formas que uma palavra é pronunciada, seja pelo acréscimo, decréscimo ou substituição dos fonemas. Segue exemplos com falas gravadas em áudio. Foram coletadas as falas de falantes de origem: Mineira, paulista, matogrossense. Contudo, a fonologia segundo Cagliari & Cagliari (1997, p.106) “procura interpretar os resultados obtidos por meio da descrição fonética”, ou seja, por meio dos sons da fala. Por isso, faz parte de um trabalho fonológico exemplificar o porquê e o como acontece a variações. E também por meio de uma análise fonológica mostrar o valor dos sons em uma língua (1997, p.106) quer dizer a sua função linguística. Para isso, neste tópico contamos com a contribuição dos metaplasmos.

R. A...mais vai **acabano** tudo. É percebido um fenômeno nesta fala que é o apagamento da oclusiva dental /d/ no gerúndio. O que justifica que a assimilação do fonema /d/ pelo fonema /n/, porque são duas oclusivas dentais.

C. A. nordestino... Mil e **poco** que ela ganha. Houve um processo de monotongação ocorrendo o apagamento da semivogal em uma palavra que é composta por um ditongo crescente. Exemplificando acontece uma redução do ditongo para uma vogal simples.

G. A, origem paulista... ãhaã, esse guri tá muito maludo. O falante utiliza de façanhas para ilustrar sua fala, por exemplo, esse falante, ao realizar afirmações introduz em sua fala a expressão ãhaã, construindo uma forma de se comunicar com seu interlocutor. E o uso do verbo de ligação /está/ é suprimido o /es/ para facilitar a veiculação da fala. A versatilidade em utilizar a variação lexical, incorporando palavras que traz o sentido em sua veiculação de comunicação.

R. A, origem matogrossense. cê tá aprendeno. Na palavra /você/ e no verbo de ligação /está/ aconteceu o fenômeno classificado através dos metaplasmos como

Aférese. Que é a queda de um fonema inicial ou na supressão da parte inicial (uma ou mais sílabas) de uma palavra. Como aconteceu na expressão /cê/ e /tá/.

G. A, origem paulista. ...eu fui lá hoji, cheguei di noiti. Neste caso houve a substituição da vogal média /e/ pelo som da vogal alta /i/.

C. H, origem baiana. ...as coisas cada veiz vai ficano mais fáci. Houve uma ditongação, isto é, o glide é acrescentado depois da vogal, a esse fenômeno referimo-nos como off-glide. Exemplo de veiz, nós.

C. H ...parti do momento que nois dividi as pessoa nois não vence mais.Exemplo: /Parti/, verbo no infinitivo, acontece uma apócope mudança fonética que consiste na queda de um ou mais fonemas ou sílabas no fim de uma palavra.O falante suprimiu o /r/ final que morfologicamente compõem a palavra verbal.

L. O ...dois companheiro desistiu, mais hoje tamo com 11 pessoa trabaiando.trapaiô tudo.Outro exemplo nesta fala é trabaiando, que sinaliza nesse contexto em que a sílaba é formada com o /lh/, e na fala essa estrutura é suprimida e tende a substituir o som do /lh/ pelo som da vogal alta /i/. E ainda no verbo atrapalhar aconteceu a supressão do afixo- a e também a substituição do som /lh/ consoante palatal pelo som da vogal alta /i/.

L. O ...nois temo qui andá impecável, a nossa farda. /Qui/, nessa fala aconteceu a modificação do som da vogal média /e/ pelo som da vogal alta/i/. Andá,foi utilizado o verbo, e com o corte do /r/ final.

L. O ...a nossa presença num é causu de amedrontar, porque tamo aqui pra contribuir. Pelo que nois aprendeu é suficiente para alertar sobre o fogo. Causu, a modificação do som da vogal média/o/ pelo som assimilado da vogal /u/que é uma vogal alta. É comum nas falas desses falantes a ausência da concordância verbal, como /tamo/, ao invés de /estamos/.

L. O,...quando a gente fomu a campo estava o chefe, e por siná é muito caxia, e queria multar de qualquer forma o parceleiro. E ele ficou rançoso, com isso. Se cabe murta ou não.Nessa frase acontece uma variação na concordância verbal /fomu/ em

vez de /fomos/. A substituição do // pelo som do /r/ no caso da palavra /murta/ ao invés de multa.

G. A, origem paulista- sexta feira também fui na reunião. Nessa fala acontece um fenômeno difícil de acontecer que é a queda da vogal que forma um ditongo simples da palavra, que é o som da vogal média /e/ e o falante emprega em sua oralidade o som da vogal alta /u/.

G. A, origem paulista-foi dito que todos os professores que vêm dá o curso, tem que tratar todos os participantes de forma inguais. Neste caso acontece uma nasalização com a palavra /inguais/, a Dilação, que é a propagação de certos traços de um fonema para fonema vizinho, isto é devido à presença da consoante nasal na palavra anterior (somu inguais).

4.8 Relações lexicais / semânticas

A variação semântica ocorre quando há mudança no significado dando sentido ao seu significante. E a variação lexical acontece quando um objeto ou uma ação de fala é compreendido por termos diferentes.

“... Conversamo, mais ele fico mei **rançoso** com isso...”

A presença de variação semântica /rançoso/ dando o sentido de uma pessoa brava. Segundo Aurélio – rançoso é um adjetivo de ranço que vem do [latin rancidu]. E tem cheiro forte, sabor acre que é produzido em contato com com o ar em substâncias gordas.

“...Mais só fica **quebrantano** um com outro”...

A expressão /quebrantano/ para a falante trouxe o sentido de estar brigando um com o outro. E ainda subentende como se fosse uma palavra verbal que pode ser assimilado em /ano/ tendo o som de gerúndio. E para Aurélio significa abater, arrasar, infringir, violar, vencer, domar debilitar, enfraquecer.

“...Lá não usa esse negócio de Siriri.. lá pra fora na Bahia, Sergipe.. Alagoas usam **Chula**...”

Para o falante que proferiu esta expressão fez a explicação de que /chula/ é uma canção que se cantava no seu tempo em que morava no estado da Bahia.

“... Ãhaã, esse guri tá muito **maludo...**”

De acordo como foi expresso pelo falante quer dizer /grande/ esta é a versatilidade de um falante, em utilizar a variação lexical e semântica. Incorporando palavras que traz o sentido de uma expressão popular utilizada no cotidiano. E que, no entanto, entre essa expressão e outras que não são encontradas o seu significado semântico em dicionários que abordam as regras, mas não sentido das palavras.

... Cadê a chuva, prima..parece qui aqui num chuveu? Lá chuveu grandi, grandi memo...**chuva grande...**

Essa expressão é utilizada pelos falantes nativos da região de Cáceres- MT. Especificamente na comunidade Nova Conquista onde está sendo desenvolvida a pesquisa. /chuva grande/ quer dizer está chovendo muito.

... Larga disso, o homi cabo de saí..e já tá chamanu o omi.. só qué ficá **grosano...**

É uma expressão utilizada para relacionar o ato de namorar, ficar, transar. E também é falado pelos nativos da comunidade pesquisada.

Nesse sentido, em que apresenta exemplos de linguagem popular que são materializados no dia- dia dos sujeitos que fortalece as considerações que Alkmim (2001, p.20) fomenta sobre que a linguagem e sociedade estão interligadas entre si de modo inquestionável. É entre o falar que é acrescido, suprimido e falares comuns monitorados ou não tudo isso são à base de construção dessa relação que constitui um ser pensante e falante.

4.9 Análises do questionário

As entrevistas, juntamente com os dados coletados são apresentados através de abreviaturas como: P1, P2, P3, P4, para facilitar a identificação da pessoa entrevistada e também para não expor os nomes dos participantes, e nesse tópico foram selecionadas 10 questões por parte da pesquisadora. Sendo que as idades das pessoas estão incluídas ao início dos registros de informações de cada pessoa. Segue os questionamentos da pesquisadora e as respostas dos entrevistados.

Você identifica quais são as variedades linguísticas existentes na comunidade Nova Conquista?

P1-(i.47a,s:f).Sim,identifico us outros estados comu..Pernambucanu..alagoanu, etc.

P2-(i. 45 a, s: m). Na comunidadi Nova Conquista tem pessoas com várias origens comu.. Cacerense..baiano.. nordestino.. paulista.. mineiro.. cuiabanu..e outros. Cada um cum a sua forma de falar.

P3-(i. 46 a, s: f). Sim.

P4-(i. 45 a, s. m). Nordestina..mineira.. baiana..matogrossensi

P5-(l.58,s:f)...origem pernambucana..mas mi identifico comu poconiana..um documento é de Poconé. Dá pá perceber qui cada um tem jeito de falar..a Deva pá mim puxa mais pro nordestino..exemplo: quando ela vai falar com os filhos dela ela fala “ oxente crianças que isso” ela fala bem poço matogrossense.

P6- (l. 60 a,s:m.). ...baiano..nóis num fala tudo igual não.. um puxa mais prum lado.. eu memo já num falo iguá a sinhora e nem iguá Jenesio..puxo mais pru baianu.. já arrasto mais a língua..num falo Uai.

P7- l. 32 a, s: f). ...cacerense..filha de pernambucano e baiano. Algumas vezes sim..por exemplo tem alguns baiano falam meu pai..minha mãe, alagoano fala mais painhin e mainhin..meu filho Daniel puxou mais pro baiano o modo dele falá..quando ele tá bem nervoso fala mais rápido minha mãe.

Como as variedades linguísticas da comunidade Nova Conquista é vista por todos da comunidade?

P1-Cum naturalidadi

P2-Para algumas pessoas é normal essa variedade linguística..pra outras acham engraçado a forma como as pessoas falam..(o sotaque) e algumas são motivos de piada nu assentamento.

P3-Di manera normal. Cada um si expressa conformi sua origem.

P4-Hoji..normal..porque com maior acessu a iscola us mais novos perdem muito sua originalidadí.

P5- Nem sempri.

P6- Eu as veiz tenho vergonha..mi tratam cum deboche..por causa da forma qui falo rápido.. inda fala..hum! Oia como ela fala num tem nada a ver essa curizada de oji.

P7- Prá mim convivi normal.

Como é que os falantes desta comunidade interagem com as variedades linguísticas existentes?

P1-Com naturalidade..sem ninhuma crítica.

P2 -Na sua maioria interagem de uma forma natural..não estranham o sotaque e a forma com que se expressam.

P3 - Eles se interagem com respeito..pois reconhecem e valorizam as pessoas aqui existentes.

P4 – Di forma normal..mas sempri há algumas badalações.

P5- Bem..todo mundo fala di um jeito..num somo obrigado a falá iguá.

P7- Acho que convivemos sim..cada um respeitando o limite do outro..qui cada um fala diferente.

A comunidade ainda cultiva os causos contados ao chegar à noite em casa de vizinhos ou ao menos em lugares públicos quando convidados para apresentarem? Sim ou Não? O que achas disso?

P1-Difícil, porque hoji todos tem a modernidade, como a televisão etc...

P2-Sim. É muito importante cultiva as tradições. Na nossa iscola tivemo uma noiti cultural cum os ansiãos da comunidade contando causos, histórias, piadas, revivendo as tradições da comunidade.

P3-Não. A vida moderna tiro um pouco desses costumes. A iscola em algumas ocasiões promovi encontros culturais oportunizando esti hábito que está se perdendo.

P4- Pouco tem feito..acho muito importanti..mas os meios de comunicação e as tecnologias vêm cada vez mais distanciando os diálogos com as famílias e os causos i histórias antigas.

P5- Nem todos..arguns pratica..tem o Zé Edmar..sô Francisco,

P7- Como num é o caso eu tava na casa do sô Lim., e eletava contando os contos, aqueles...do livrinho...que é...o cordel..ele tava falano sem carecer do livro.. da cabeça dele..ele pediu pra eu acompanhar o livrinho e tava certinho. Acho que mui..Cultiva um pouco, mas nem todos..geralmente a nova geração quita chegando agora..eles leva a brincadeira..se ta contando o causo aqui..eu vi na área social fizemos várias vezes..duas vezes na escola e eu vi vários alunos falano assim..ah! qui eu to fazeno aqui..não sou obrigado ficar escutano tem uns que levam por deboche essa geração quita chegano agora.

P5-tem..sô Zé Dimar.. Rodrigues...

As canções tradicionais da região onde moras ainda são cantadas e as canções de sua região de onde veio são cultivadas por você e sua família? Sente saudades?

P1- Em algumas rezas i alguma família ainda cultiva as canções.

P2-Raramente. Não.. Sim..com u passar dus anos a juventudi adquiriu otras culturas dexando de lado as suas tradições.

P3-Sim, nas festas tradicionais. Sim..sempri relembramos nossa cultura em casa com os amigos..sentimos muita saudadi e esta é uma manera de relembrarmos.

P4-As canções tradicionais, sim, mas apenas por algumas famílias que ainda cultiva. Tenho saudadis das histórias que minha mãe contava quando criança.

P5-Aqui não canta..porque aqui não tem quem sabe..aqui não é iguá Poconé, Cáceres

P7-Muitas vezes sabe fica cum vergonha de tira sarro dos otros..por isso não pratica.

P5-não é isso...sabe o que é qui acontece.. a maior parte.. 99% dos qui moram aqui são de fora, lá não usa esse negócio de Siriri..lá pra fora na Bahia, Sergipe..Alagoas usam Chula

P7-O que é Chula?

P5-aqui não tem Chula

P6- é uma cantiga que canta nus dia de festa

Trecho da Chula 9 (cantando)

P6 -...eu vô imbora..lá pro otro lado do rio..qui mandaram mi chama eu vo compra para belo, para belo di papo marelo pra demora prá briga com ela.

Eu vi a mué de Horácio dizeno eu vo mi imbora pra cidade..voubuscá minha vontadi.

Eu tenho muita saudadi de lá, se Deus quizé eu vô no mês de janeiro eu vô lá.

P5- Eu tenho, eu sai de lá com treze anos de idade, não esqueço.

As produções de fala acontecem simultaneamente no processo da produção oral e gestual do corpo, pois o falante não percebe a ocorrência desses fenômenos. E esses fenômenos ocorrem porque a língua é algo vivo em constante transformação, e pelo poder criativo do ser humano. Nesse contexto de pesquisa há também vocabulários que correspondem a variação do léxico que são expressos pelos falantes, que ganha sentido conforme a origem geográfica de cada falante.

5.0 Abordagem da canção tradicional Siriri

Neste subtópico aborda-se a canção tradicional matogrossense que acontece na comunidade Nova Conquista, e no entorno da comunidade no município de Cáceres-MT. Siriri significa uma dança das mais populares do folclore matogrossense, praticada especialmente nas cidades e na zona rural da baixada cuiabana, fazendo parte das festas de batizados, casamentos e festejos religiosos. É também uma dança que lembra os divertimentos indígenas.

O Siriri é dançado por homens, mulheres e até crianças, apresentam uma coreografia variada, e é sendo praticado em casa ou mesmo em terreiros. A música é simples e bastante alegre, falando de coisas da vida, em que são vivenciados a partir da convivência de vizinhança, narram através da canção a história e memória de um povo. Os instrumentos que são utilizados para os acontecimentos destas manifestações musicais, têm uma escolha por parte dos participantes dos seguintes instrumentos: viola de cocho, o reco-reco, (a mesa com dois pauzinhos).

A Viola de Cocho é um instrumento típico de Mato Grosso. É feita artesanalmente, de um tronco de madeira inteiriça e ainda verde, de preferência, tipo, sarã de leite, por exemplo. É aplicado um molde com o formato da viola nesse tronco, para que o artesão possa delimitar o espaço onde deve esculpir o tronco, fazendo o contorno do instrumento externamente. Em seguida ele irá buscar contornar o instrumento pela parte de dentro. A obra estará pronta quando as paredes ficam bem finas e o tronco ganhou a forma de um cocho propriamente dito.

Dança Siriri-Escola municipal Paulo Freire/ acervo da pesquisadora 22/08/12



A cor que representa o som nestas canções tem o soar do ritmo rasqueado, e não pode ser devagar porque perde a vida da letra da música. É possível perceber uma boa execução musical pelo domínio das letras e a doação dos integrantes do grupo ao entoar as melodias do Siriri, na repercussão dos ritmos e tempo dado nas apresentações culturais que são proporcionadas na escola e na comunidade.

Desta forma, o grupo faz apresentação na comunidade. E essa dança é protagonista na atividade nas noites de memória realizada no mês de agosto no folclore e nas comemorações de festas juninas e nas aulas de história com os estudos da memória das vanguardas com temas voltados para apreciação aos causos e canções tradicionais.

Dança Siriri-Escola municipal Paulo Freire/ acervo da pesquisadora 22/08/12



Os repertórios escolhidos são os instrumentos acessíveis para todas as idades e gênero, pois todas as pessoas que identificam e tem o costume de cantar e dançar as canções e se disponibilizam a participar e apresentar não há distinção de classe social. Contudo, ao entrarem em contato com outros grupos há influências positivas no sentido de as pessoas envolverem dançando e cantando e consequentes a isso se agregam ao grupo. Por outro lado há também aqueles que não comungam destes saberes e não dão valor e não reconhecem como uma expressão cultural de um povo.

Vale ressaltar a importância do compromisso e o amor pelo que fazem, pois, não deixam essas más aceitações influenciar na manifestação cultural que dotam desde os primeiros passos na família, e também há certa preocupação com estes povos por não terem futuramente quem continue a reproduzir, devido ao pouco envolvimento da população jovem.

Dança Siriri-Escola municipal Paulo Freire/ acervo da pesquisadora 22/08/12



A forma estrutural que apresenta nesta canção é a de cantarem de forma coletiva e também com versos repentinos com direito a perguntar e responder. O interessante é que ao fazerem as perguntas e respostas, fica nítido a presença da variação linguística com os falares do matogrossense, mineiro e o nordestino. Por isso, as criações são percebidas através dos improvisos que o interlocutor depara ao responder.

Portanto, a música sendo os diferentes tipos de linguagem, que é materializado através do som acústico das vozes que participam neste ato de integração ao meio. E traz uma valia muito grande para comunidade na perspectiva de garantir a unidade dos grupos de manifestações culturais, considerados como os iguais no sentido de falarem o mesmo linguajar cultural.

Neste sentido, a reprodução de conhecimentos é plausível para a permanência e resistência da cultura na comunidade na expectativa de buscar a valorização e reconhecimento de manifestações culturais de acordo com a origem materna de cada indivíduo que interage em sociedade.

5.1 Contribuições pedagógicas para escola municipal Paulo Freire em como trabalhar com as variedades linguísticas da comunidade.

Este trabalho desenvolvido tem o intuito de revelar às variedades linguísticas e as possibilidades de trabalhar, no ensino da língua portuguesa relacionando à língua materna. Essa parte da pesquisa é de muita importância para a compreensão dessa análise. Pois é neste espaço físico chamado escola que se relaciona a teoria e prática e que também acontece a interação do falante através dos sinais acústicos orais que é a fala. É nesse universo social e escolar que a criança enfrenta o estranhamento ao se relacionar sua língua materna às regras que são apreendidas através do conhecimento da ciência da linguagem, das exatas, das sociais e das humanas.

E para isso foi desenvolvido a campo o trabalho com um questionário que foi respondido oralmente e gravado na íntegra a oralidade dos entrevistados. Entre os questionamentos lançados estava a preocupação em como é que as variedades linguísticas da comunidade eram vista e como podem ser trabalhada na escola através do estudo da língua falada e escrita. Acompanhe o desenvolvimento da entrevista.

No seu ponto de vista como as variedades linguísticas podem ser trabalhadas na escola?

P1-Trabalhada as atividades cultural, a geografia, a história...

P2-As variedades linguísticas teriam que ser trabalhadas de uma forma que todos da comunidade se sentissem parte da escola, vendo que a sua forma de falar também é ensinada na escola. Através de todas as disciplinas.

P3-Elas podem contribuir na aprendizagem do aluno, mostrando que existe uma norma culta, igual, para todas e as variedades são específicas de cada lugar.

P4-Cum a valorização de cada cultura sem discriminação.

P5-Minha cumadre esse povo da iscola num importá cua gente não, ninguém procura como nós fala não.

P6-É bom.

P7- com a música, tiatro, e levando os falante na iscola

Como é que a escola lida com as variedades linguísticas existentes na comunidade?

P1-Com naturalidadi e respeito.

P2-Não tem projeto específico para isso. Não discrimina, mas também não dá ênfase para o tema.

P3-Todas são aproveitadas e respeitadas.

P4-Pouco a escola tem trabalhado nesse respeito.

P5-Não sei não, só sei qui quando chama a gente prá canta lá, só dexa nós canta uma veiz i pronto, num ta nem aí, só quer dizê qui tão trabaindo os modo de fala e pronto.

P6-Num sei não

P7-Já tento mais, não levo adiante, porque os alunos num interessaram e os professores não interessaram, mais foi bom quando teve um monte de gente falo os causo qui muita gente nunca ouviu.

Acha interessante e importante ter estratégias de trabalho pedagógico com as variedades linguísticas da comunidade na escola?

P1-Sim, varianti, assim com u contar as historinhas do modo nordestino com o linguajar pantaneiru.

P2-Sim, dessa forma as pessoas vão se sentir parte da escola, sabendo que a sua forma de falar, de se expressar é importante para todos.

P3-Sim, o professor precisa saber utiliza este saber do senso comum para que o aluno interiorize este saber e valorize as diferenças.

P4-Sim, com a forma de falar de cada um com a escrita correta.

P5-Sim, mais os professores acham que vai ter muito trabalho. Eu acho bom, porque ao menos não acaba a tradição.

P6-Antigamente tinha essa tradição, é interessante trabalhar na escola porque quem tá na escola aprende também, o novo aprendendo a tradição velha não acaba nunca é como a descendência nossa de família vai morrer os velhos, vai ficar os novos nunca acaba nunca.

P7-Eu acho, tem a valorização pra não perder, como fala..é, a gente esquece, não cantamos, não praticamos na escola, aprendendo em casa acaba esquece nossa cultura e na escola ensinam só a renovação de nossa cultura ela não vai perder. Até ano passado nós fizemos na escola, dois anos, ninguém sabia o que era Siriri, depois da apresentação muitos procuraram aprender a dança e cantar o Siriri.

Como que deve ser trabalhado na escola no seu ponto de vista a língua materna e a gramática normativa?

P1-Trabalha através da leitura, no falar de cada um, mostrando as variáveis do linguajar.

P2-A gramática normativa tem as suas regras de como se falar o chamado português correto. Não podendo ser deixado de lado. Mas a língua materna também é importante, e teria que ser trabalhado mostrando sua importância.

P3-A língua materna deve ser o ponto inicial do trabalho pedagógico para servir de suporte para compreender a gramática normativa.

P4-Não respondeu

P5-Pá mim acho que qui tem trabalhá cúa a forma de falá do dia- dia. Porque, na escola só ensina falá certo e us mininos fala que nós veio fala errado.

P6-Tem di chamá as pessoas qui fala diferente.

P7- tem sim.

Diante das respostas dadas percebe que há certa preocupação por parte dos profissionais e pais dessa escola. Com a forma de valorizar as variantes da comunidade. Destacam também as iniciativas que a escola proporciona no sentido desenvolver momentos que apresentam os causos, canções tradicionais da comunidade. É percebido que as convivências com as tecnologias e a mídia impedem o acontecimento dos momentos de reunião de pessoas para falarem os causos e cantar canções entre vizinhos.

Nota-se que todos os entrevistados percebem que há variedade e que é preciso saber a valorizar as variantes linguísticas da comunidade. E de acordo com o entrevistado P2 o falar popular ainda é motivo de risada, ou seja, de desconforto para os falantes que apropriam do seu falar de origem materna. E os entrevistados contribuem dizendo que a língua materna deve ser a base para introduzir as discussões e estudos da língua na escola.

No entanto, segundo as pessoas entrevistadas a escola da comunidade tem tido iniciativa para trazer os saberes, bem como as variedades dos povos que formam a comunidade. Para abrir possibilidades de discussão a respeito de registrar a história de formação do território. E também para que a população se sinta parte no processo que está em construção.

É percebido que as variações ocorreram também em todos os graus de escolaridade e idade. Todos os falantes professores e não professores fizeram o uso de monotongação, ditongação e substituição de vogais médias pelas vogais

altas. Isso fortalece a questão que Bagno (2007, p.67) diz que a “norma padrão é uma questão política”.

Independentemente do nível de escolaridade, todos os sujeitos tem as raízes herdadas da língua materna. Considerando esta língua materna como a primeira que aprendemos no seio da família. Por isso, que, quando o ensino da língua nega aos indivíduos o estudo do linguajar popular este por sua vez tem uma intencionalidade política. Que é o de não reconhecer os sujeitos que chegam ao universo escolar com sua faculdade de linguagem falada construída.

Diante disso, propõe-se neste trabalho de pesquisa a possibilidade de desenvolver como trabalho pedagógico e para isso, primeiramente a escola tem de reconhecer quem são os sujeitos que estão recebendo. De onde vem? Como estão vindo? E o que tens em sua bagagem. Para então, depois desse ponto de partida poder apresentar o outro lado que esse sujeito ainda não conhece que é a língua padrão e suas regras.

É preciso que as escolas saibam lidar com o uso da língua que é viva na sociedade. A língua é um fenômeno maravilhoso que é de uso da humanidade sem distinção. No entanto ao falar do trabalho com a língua portuguesa na escola, o ensino por sua vez mata a paixão dos alunos pela leitura quando introduzem como a cabeça norteadora da língua, sendo a norma culta no sentido de padronizar a forma de leitura.

Portanto, a linguagem é um lugar de ação, (SOUSA & VELLASCO, 2007, p.15) de interação e o universo escolar se constitui da linguagem humana para seu desenvolvimento. Necessariamente é de suma importância incorporar nos planos pedagógicos de ensino o como trabalhar com os diversos falares que dão o brilho e a dinâmica de se ler a realidade local. E didaticamente humano acrescentar as normas das concordâncias verbais e nominais dando valor e reconhecimento ao (BAGNO, 2007.p.187) “falante de uma língua que é o melhor gramático que existe.”

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Registrar a história da formação do Assentamento Nova Conquista, trazendo os seus sujeitos falantes está sendo de grande importância para mim e para comunidade. Porque este registro é o registro da memória dos moradores dessa localidade. Haja vista, que não há nenhum registro realizado de concreto desse povo, muito menos em relação a respeito da formação da comunidade considerando seus falantes com origem étnica, identidade e variedade. Vale salientar que este trabalho tem a preocupação em garantir a autenticidade dos fatos narrados através dos causos, canções bem como por meio das entrevistas.

A vida social nos possibilita entender o contexto histórico e nos conduz a compreender as condições de vida, de forma concreta que vivencia cada indivíduo. Com as suas diversas formas de linguagens, que existem com os diversos sujeitos falantes. Sejam elas: literária, social e ideológica de acordo com a identidade de cada povo, seja pelo aspecto social e econômico. E com isso, vão dando forma ao seu comunicar de diversos conceitos em que acreditam e os tem como fundamentais para seu existir e apresentam todas essas peculiaridades de formas diferenciadas.

Nesse sentido, destaca-se a mistura de cultura da comunidade Nova Conquista com os seguintes falares. A fala de origem mineira apresenta as expressões UAI! SÔ! Com o sotaque mineiro autêntico, não deixando o queijo de lado, trazendo as orações de novenas e benzimento, etc. A expressão da fala em tom agudo, muito comunicativo, com um vocabulário característico da região mineira.

Por exemplo, a frase “Óiprocevê” significa olha para você ver. É pronunciada e escrita sem separar as palavras. Nada mais é que uma expressão falada sem nenhuma monitoração do falante, mas, que pode ser compreendida sua comunicação por meio de sua veiculação. Como diz Bagno (2007), “nada na língua é por acaso”, essa entre muitas outras expressões representam e é a ilustração do nosso Brasil, que é constituído por inúmeras variedades regionais, que podem ser identificadas na identidade do povo brasileiro.

Por isso, culturas diferenciadas encontram-se nesse processo histórico de conquistarem seu pedaço de terra. E encontrando um povo rico em sabedoria construída, ao longo dos anos distantes do centro da cidade. Povos que nessa terra já habitava que são os nativos da região que trabalhavam nas fazendas.

Mas, que na verdade apresentam o seu linguajar próprio e cultural, no entanto, infelizmente segundo relatos sentiam-se envergonhados pelo seu falar, com seu dialeto e sotaque humilde. Não sendo considerado estar nos padrões da língua portuguesa. Porém, com o passar do tempo, esta convivência foi construindo amizades e relações humanas.

E de certa forma dão brilho e ilustram com as cores do povo brasileiro, que estão presentes na comunidade. E assim fazem a interface de uma cultura e outra, representando um novo cenário para um território, que antes não havia, pois era simplesmente uma fazenda.

Diante disso, tanto para o mineiro, paulista, o baiano e o pantaneiro, percebem que todos utilizam o mesmo instrumento para se comunicarem. Que é a língua representada através da fala, por isso, o linguajar de cada indivíduo apresenta uma riqueza peculiar ao emitir os sons. E que essa mesma língua falada os fazem interagir na sociedade.

Neste propósito, que este trabalho propõe a possibilidade de trabalhar no ensino da língua falada e escrita, na disciplina de língua portuguesa, na escola municipal Paulo Freire como estratégias de trabalho pedagógico, se apropriando das variedades linguísticas da própria comunidade e entorno. E ousa ainda falar da possibilidade de construção de material pedagógico explorando os instrumentos que mediam diálogo, narrativas etc. Como por exemplo: peça de teatro, confecção de gibis, revistas e até mesmo pequenos livros com vocabulários, expressões semânticas e lexicais. Exemplo esse aqui apresentado justifica a substituição de uso de material didático que são produzidos com conteúdos e realidades que estão distante da realidade falada e vivenciada por essa comunidade.

É por isso que este trabalho buscou também saber como é a escola da comunidade lidava com as variações linguísticas e também se os professores achavam interessante haver material pedagógico voltado a sociolinguística, bem como precisamente sobre ao linguajar popular e o normativo.

Sobretudo, dentre as respostas dadas pelos professores entrevistados e que podem ser visualizados em questionário que está em apêndices. E destacam a necessidade de um material que aborde o contexto linguístico da comunidade. E isso fortalece o propósito de as escolas do campo poder construir o estudo da língua falada e escrita dentro dos objetivos sociolinguísticos.

Contudo, os causos e as canções tradicionais que são apresentados na escola, segundo os professores não têm como objetivo de apontar como símbolos folclóricos. Mas, que na verdade tem como objetivo de propiciar aos estudantes e a toda comunidade que se sintam parte da escola.

Este trabalho que se encerra por aqui não fica estanque em relação aos estudos da sociolinguística interacional e variacionista. Eis que é o ponto de partida da descoberta e revelações, da criatividade, do sujeito falante, que tende a mostrar, a sociedade que a língua varia e está viva. E é preciso que aprendamos a valorizar as especificidades de cada indivíduo enquanto sua produção fonética- fonológico que compõem o linguajar do português brasileiro.

REFERÊNCIAS

ALKMIM, Tânia Maria; MUSSALIM, Fernanda. BENTES, Anna Christina (orgs). **Sociolinguística, parte I: Introdução à Linguística - domínios e fronteiras**. 2. Ed. São Paulo: Cortez, 2001.

ARRUDA, António de. **O linguajar cuiabano e outros escritos**. Cuiabá: Gráfica Print Express, 1998.

ARRUDA, António de. **O linguajar Cuiabano e outros escritos**<http://petxecomaxixe.xpg.uol.com.br/-acessoem> 02/06/13 às 17h44.

BAGNO, Marcos. GAGNÉ, Gille. STUBBLLS, Michael. **Língua materna: Letramento, variação e ensino**. São Paulo: Parábola editorial, 2002.

BAGNO, Marcos. **Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação sociolinguística**. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

BEJAMIN, Cesar; CALDART, Roseli Salete. **Projeto Popular e Escolas do Campo**. Brasília: s.d.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Educação em língua materna: a sociolinguística na sala de aula**. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

_____. **O professor pesquisador: Introdução à pesquisa qualitativa**/ Stella Maris Bortoni – Ricardo- São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

CACLIARI, Luíz Carlos. Análise fonológica. **Introdução à teoria e à prática com especial destaque para o Fonêmico**. Campinas, Edições do autor, 1997.

CALDART, R. S. KOLLING. E. J. et al (orgs). **Por uma Educação do Campo: Traços de uma identidade em construção**. In: Educação do Campo e políticas públicas. Coleção Por Uma Educação do Campo, nº 4. Brasília: Arte Nacional Por Uma Educação do Campo. 25- 36p, 2002.

CALDART, Roseli Salete- **Pedagogia do Movimento Sem Terra: escola é mais do que escola**/ Roseli Salete Caldart- Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

CALVET, Louis-Jean. **Sociolinguística: uma introdução crítica**. São Paulo: Parábola.2002

CARBONE, Florence. **Introdução à linguística**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

Coisadematogrosso.com. br /site/cidades...index.asp?cod=9&inst.

Diretrizes Operacionais para a Educação Básica das Escolas do Campo. Resolução CNE/ CEB nº 1 de 3 de abril de 2002.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Mini Aurélio: o dicionário da língua portuguesa**. 8.ed.- Curitiba: Positivo,2010.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia, saberes necessários à prática educativa**. 2.ed. Paz e terra , São Paulo, 1996.

<http://petxecomaxixe.xpg.uol.com.br/o-linguajar-cuiabano.html>-Linguajar Cuiabano.

LIMA, Leonildo José. **Comportamento linguístico do falar cuiabano**; anais do 5º encontro do Celsul, Curitiba, PR,2003.

Movimentos Dos Trabalhadores Rurais Sem Terra - O que queremos com a escola de assentamento. Caderno de Formação nº 18, 3. São Paulo, 1999.

Por Uma Educação Do Campo- campo políticas públicas- educação. Ed. 7; INCRA/MDA- Brasília, 2008.

PÓVOAS, Lenine C. **História Geral de Mato Grosso**. Vol. I e II. Cuiabá: L. C. Póvoas, 1995.

SILVA NETO, Serafim (s/d). **Capítulos de história da língua portuguesa no Brasil**. Brasil/Portugal: Edições Dois Mundos.

SOUSA, Rosineide Magalhães; VELLASCO, Ana Maria de Moraes Sarmento. **Língua Materna II**. Brasília: UnB,2007

APÊNDICE

TRANSCRIÇÕES DAS PESQUISAS

1- Letra de música Siriri

Oiá, á,á,á, La,laia, boi tá brabo no currá, bera [...] e bem no meio do gulá, a não é boi e maguá e bera do mei nu gula.

Eu vim, eu vim, eu vim de lá prá cá, eu sô, eu sô, eu sô de Cuiabá (bis).

Eu descí da morraria cum meu lacim na mão, prálaçá moça bonita, soltero e casado não (bis).

Moça daqui sabidança mefeiz alembra das moças de lá (bis).

Essa moça qui não dança queria que fosse minha prá leva pra minha casa, prápulero de galinha (bis).

Landaia, landaia, landaia vamos todos landaiá, (bis) vem me ensina dança, ai ponha essa perna, se vie eu ponho essa outra, pá senhora moça, olê, olê, fica de jueio, põe a mão na cintura, uuu!

Cuiabá valeu um conto/ Poconé um conto e cem, morraria vale mais pela morena qui tem. Ocê puxou meu cabelo, trapaiô eu cantá aqui.

Morena bonita de vestido pintadin agora se tu ama com carinho (bis)

Eu gosto de canta eu gosto de dança mais ninguém interessa, pros meus neto já insinei, todos sabi, eu acho bom ao meno não acaba a tradição.

Antigamente tinha a tradição, é interessante trabaiá na iscola porque quem ta na iscola aprende também.

Sapatinho de sartorto pisa duro nu chão eu queria sê um gatinho prá pisa no seu coração(bis).

2- Letra da cantica entoada em novena de São Bom Jesus Da Lapa

No arto do monte carváriu morreu nosso bom Jesus ele deu úrtimosospiro nos braços da santa cruz.(bis). Fio da redenção ele tudo nos produz. Nós também cá na terra lovemos a santa cruz.Meu Jesus quando morreu deixou o mundo co luz, nos deixou a sua graça no braço a santa cruz.Momento de beijá o santooo! Minha

gente. Chega meus irmãos, chega toda irmandade. Vamonóis todos beijá a santíssima trindade. A santíssima trindade na cidade samo bem. Levainóis todos na glória todos para sempre amém.

3- Narração de um caso

Bota cachorro na onça, os cachorro dele era bom de onça, nós vai, passamo a noiti, durmimo, no outro dia cedo levantei, passei o facão na pedra, cortanocabelo, éhoji, queria vê o cachorro andano, quero vê ela acuada, não meu fi leva uma ispingarda, não, ele disse leva essa daqui, me deu uma quarenta e quatro e parti atrais de Carrera, logo, logo ela ela acuou diz que quando atira na onça diz que ela vem, vou incostar no acuri, que se ela vim vai incosta no acuri, e aí tei! É buf! Mato? Matei chego todo mundo, né, eu cheguei na frente dela, todo mundo oiano, conversano e tal, um veio chega o veio acostumado mais nessa hora esqueceu de avisar chego na boca, nunca mais ocê pega bezerro e oiô na minha cara e oô, eu num sei se eu vierei de costa com a quarenta e quatro ou cumoqui é eu fiz só sei todo mundo assusto eu já tavacorreno muito longe não teve cipó, não espin na qui mi segurasse, mais o meno uns 500 metros, parei, vô lá, bei, mato! Caiu, num sei se tá morta, pera aí, deixa ela rupia o cabelo, sentada ta morta, vamo lá não pode ta viva. Fiquemo ali oianodaí a poço rupio o cabelo, junto a rapaziada, gurizão novo carrega um pedacin de dois em dois e o veio se perdeu, em vez de colocar no arpende lá fora, não colocamo na dentro na sala, etamoconatno caso e dando risada de nóismemodissemo lá vem sô Zé e foi entrano e tava tão assustado que de longe, o bicho!! E foi voltano pra trais, ele assusto, e pergunto como é que ocê pulo dessa onça cada um pega um pedacin e um veio saiu

Você identifica quais são as variedades linguísticas existentes na comunidade Nova Conquista?

P1 idade 47 anos, sexo feminino. Sim, identificodus outros estados comu, Pernambucanu, alagoanu, etc.

P2 idade 45, sexo masculino. Na comunidadi Nova Conquista tem pessoas com várias origenscomu; Cacerense, baiano, nordestino, paulista, mineiro, cuiabanu, e outros. Cada um cum a sua forma de falar.

P3 idade 46, sexo feminino. Sim.

P4 idade 45, sexo masculino. Nordestina, mineira, baiana, matogrossensi

P5- Idade 58, sexo feminino, origem pernambucana, mas mi identifico, um documento é de Poconé. Dá pá perceber qui cada um tem jeito de falar, a Deva pá mim puxa mais pro nordestino, exemplo: quando ela vai falar com os filhos dela ela fala “ oxente crianças que isso” ela fala bem pocomatogrossense.

P6- Idade 60, masculino, baiano, nós num fala tudo igual não, um puxa mais prum lado, eu memo já num falo iguá a sinhora e nem iguáJenesio, puxo mais prubaianu, já arrasto mais a língua, num falo Uai.

P7- Idade 32 anos, feminino, cacerense, filha de pernambucano e baiano. Algumas vezes sim, por exemplo tem alguns baiano falam meu pai, minha mãe, alagoano fala mais painhinho e mainhinha, meu filho Daniel puxou mais pro baiano o modo dele falá, quando ele tá bem nervoso fala mais rápido minha mãe.

Como as variedades linguísticas da comunidade Nova Conquista é vista por todos da comunidade?

P1 Cum naturalidadi

P2 Para algumas pessoas é normal essa variedade linguística, pra outras acham engraçado a forma como as pessoas falam, (o sotaque) e algumas são motivos de piada nu assentamento.

P3 Di manera normal. Cada um si expressa conformi sua origem.

P4 Hoji, normal, porque com maior acessu a iscolaus mais novos perdem muito sua originalidadi.

P5- Nem sempri.

P6- Eu as veiz tenho vergonha, mi tratam cum deboche, por causa da forma qui falo rápido, inda fala, hum! Oia como ela fala num tem nada a ver essa curizada de hoji.

P7- Prá mim convivi normal.

Como é que os falantes desta comunidade interagem com as variedades linguísticas existentes?

P1-Com naturalidade, sem nenhuma crítica.

P2 -Na sua maioria interagem de uma forma natural, não estranham o sotaque e a forma com que se expressam.

P3 - Eles se interagem com respeito, pois reconhecem e valorizam as pessoas aqui existentes.

P4 – Di forma normal, mas sempri há algumas badalações.

P5- Bem, todo mundo fala di um jeito, num somo obrigado a faláiguá.

P7- Acho que convivemos sim, cada um respeitando o limite do outro, qui cada um fala diferente.

A comunidade ainda cultiva os causos contados ao chegar à noite em casa de vizinhos ou ao menos em lugares públicos quando convidados para apresentarem? Sim ou Não? O que achas disso?

P1 Difícil, porque hoji todos tem a modernidade, como a televisão etc...

P2 Sim. É muito importante cultiva as tradições. Na nossa iscolativemo uma noiti cultural cum os ansiãos da comunidade contando causos, histórias, piadas, revivendo as tradições da comunidade.

P3 Não. A vida moderna tiro um pouco desses costumes. A iscola em algumas ocasiões promovi encontros culturais oportunizando esti hábito que está se perdendo.

P4- Pouco tem feito, acho muito importanti, mas os meios de comunicação e as tecnologias vêm cada vez mais distanciando os diálogos com as famílias e os causos i histórias antigas.

P5- Nem todos, arguns pratica, tem o Zé Edmar, sô Francisco,

P7- Como num é o caso eu tava na casa do sô Lima, e ele tava contando os contos, aqueles... do livrinho... que é... ocordel,eletavafalano sem carecer do livro, da cabeça dele, ele pediu pra eu acompanhar o livrinho e tava certinho. Acho que mui... Cultiva um pouco, mas nem todos, geralmente a nova geração quita chegando agora, eles leva a brincadeira, se ta contando o causo aqui, eu vi na área social fizemos várias vezes, duas vezes na escola e eu vi vários alunos falano assim, ah! qui eu tofazenoaqui,não sou obrigado ficar escutano tem uns que levam por deboche essa geração quitachegano agora.

P5-tem, sô Zé Dimar, Rodrigues...

No seu ponto de vista como as variedades linguísticas podem ser trabalhadas na escola?

P1 Trabalhada as atividades cultural, a geografia, a história...

P2As variedadi linguísticas teriam qui se trabalhadas diuma forma que todus da comunidadadi se sentissem parte da iscola, vendo qui a sua forma de falar também é insinada na escola. Através de todas as disciplinas.

P3 Elas podem contribuir na aprendizagem do aluno, mostrando que existe uma norma culta, igual, para todas e as variedades são específicas de cada lugar.

P4 Cum a valorização di cada cultura sem discriminação.

P5- Minha cumadre esse povo da iscola num importácuá gente não, ninguém procura como nós fala não.

P6- É bom.

P7- com a música, tiatro, e levando os falante na iscola

Como é que a escola lida com as variedades linguísticas existentes na comunidade?

P1 Com naturalidadi e respeito.

P2 Não tem projeto específico para isso. Não descrimina, mas também não dá ênfase para o tema.

P3 Todas são aproveitadas e respeitadas.

P4 Pouco a escola tem trabalhado nesse respeito.

P5- Não sei não, só sei qui quando chama a gente prá canta lá, só dexanóis canta uma veiz i pronto, num ta nem aí, só quer dizêqui tão trabaindoos modo de fala e pronto.

P6- Num sei não

P7- Já tento mais, não levo adiante, porque os alunos num interessaram e os professores não interessaram, mais foi bom quando teve um monte de gente falo os causo qui muita gente nunca ouviu.

Acha interessante e importante ter estratégias de trabalho pedagógico com as variedades linguísticas da comunidade na escola?

P1 Sim, varianti, assim com u contar as historinhas do modo nordestino com o linguajar pantaneiru.

P2 Sim, dessa forma as pessoas vão se sentir parte da escola, sabendu que a sua formadi falar, di si expressar é importante para todus.

P3 Sim, o professor pricisa sabe utiliza esti sabe du sensu comum para que o aluno interiorizi este sabe e valorize as diferenças.

P4 Sim, com a forma de falar di cada um cum a escrita correta.

P5- Sim, mais os professo acha qui vai ter muito trabaio. Eu acho bom , porque ao meno não acaba a tradição.

P6- Antigamente tinha essa tradição, é interessante trabaia na iscola porque quem tá na iscola aprende também, o novo aprendeno a tradição veia não acaba nunca é

cuma a descendência nossa de família vai morrer os velhos, vai ficar os novos num acaba nunca.

P7-Eu acho, tem a valorização pra num perder, como fala..é, a gente esquece, não cantam, não praticam na escola, aprendem em casa a acabar esquece nossa cultura e na escola ensinam só a renovação de nossa cultura ela num vai perder. Até ano passado nós fizemos na escola, dois anos,ninguém sabia o que era Siriri, depois da apresentação muitos procuram aprender a dança e cantar o Siriri.

Como que deve ser trabalhado na escola no seu ponto de vista a língua materna e a gramática normativa?

P1- Trabalha através da leitura, no falar de cada um, mostrando as variáveis do linguajar.

P2- A gramática normativa tem as suas regras de como se falar o chamado português correto. Não podendo ser de lado. Mas a língua materna também é importante, e teria que ser trabalhado mostrando sua importância.

P3 - A língua materna deve ser o ponto inicial do trabalho pedagógico para servir de suporte para compreender a gramática normativa.

P4 - Não respondeu

P5- Já mim acho que quem tem trabalhado a forma de falar do dia- dia. Porque, na escola só ensina falar certo e os pequenos falam que nós veio falar errado.

P6- Tem chamadas pessoas que falam diferente.

P7- tem sim.

Como é que os falantes desta comunidade interagem com as variedades linguísticas existentes?

P1-Com naturalidade, sem nenhuma crítica.

P2 -Na sua maioria interagem de uma forma natural, não estranham o sotaque e a forma com que se expressam.

P3 - Eles se interagem com respeito, pois reconhecem e valorizam as pessoas aqui existentes.

P4 – De forma normal, mas sempre há algumas variações.

P5- Bem, todo mundo fala de um jeito, num sou obrigado a falar igual.

P7- Acho que convivemos sim, cada um respeitando o limite do outro, que cada um fala diferente.

**Você consegue distinguir um falar popular e um falar com a língua padrão?
Como?**

P1 Sim, pela linguagí do falante, ou seja, quando o nordestino fala geralmentias palavras com (e) é aberto e o cacerense é fechado

P2 Sim, através di como as pessoas se expressam no seu linguajar simplis e cativanti, sem preocupar com a gramática normativa.

P3 Sim, a nossa formação acadêmica nos permite percebe a diferença entre a língua padrão e o falar popular.

P4 – Sim, através da fala e pronúncia.

P6- sei, a pessoa muda o modo de falá, a voz pernambucana arrasta um poco a língua e o matogrossenseimbola a língua, eu sô diferente já mudei muito o falá baiano, porque já andei muito vi muito idioma.O paulista puxa muito o “r”,

A comunidade ainda cultiva os causos contados ao chegar à noite em casa de vizinhos ou ao menos em lugares públicos quando convidados para apresentarem? Sim ou Não? O que achas disso?

P1 Difícil, porque hoji todos tem a modernidade, como a televisão etc...

P2 Sim. É muituimportanti cultivar as tradições. Na nossa iscola tivemos uma noite cultural com os ansiãos da comunidade contandu causos, histórias, piadas, revivendu as tradições da comunidadi.

P3 Não. A vida moderna tirou um poco desses costumes. A iscola em algumas ocasiões promovi encontros culturais oportunizanduesti hábito que está se perdendu.

P4- Poco tem feito, acho muito importante, mas os meios de comunicação e as tecnologias vêm cada vez mais distanciando os diálogos com as famílias e os causos e histórias antigas.

P5- Nem todos, alguns pratica, tem o Zé Edmar, sô Francisco,

P7- Como num é o caso eu tava na casa do sô Lima, e ele tava contando os contos, aqueles... do livrinho... que é... ocordel,eletavafalano sem carecer do livro, da cabeça dele, ele pediu pra eu acompanhar o livrinho e tava certinho. Acho que mui... Cultiva um pouco, mas nem todos, geralmente a nova geração quita chegando agora, eles leva a brincadeira, se ta contando o causo aqui, eu vi na área social fizemos várias vezes, duas vezes na escola e eu vi vários alunos falano assim, ah!

qui eu tofazenoaqui,não sou obrigado ficar escutano tem uns que levam por deboche essa geração quitachegano agora.

P5-tem, sô Zé Dimar, Rodrigues...

As canções tradicionais da região onde moras ainda são cantadas e as canções de sua região de onde veio são cultivadas por você e sua família? Sente saudades?

P1 Em algumas rezas e alguma família ainda cultiva as canções.

P2 Raramente. Não, Sim, com o passar dos anos a juventudi adquiriu outras culturas dexando de lado as suas tradições.

P3 Sim, nas festas tradicionais. Sim, semprelembramos nossa cultura em casa com os amigos, sentimos muita saudadi e esta é uma maneradi lembrarmos.

P4 – As canções tradicionais, sim, mas apenas por algumas famílias qui ainda cultiva. Tenho saudadis das histórias qui minha mãe contava quando criança.

P5 – Aqui não canta, porque aqui não tem quem sabi, aqui não é iguá Poconé, Cáceres

P7- Muitas vezes sabe fica cum vergonha de tira sarro dos otros, por isso não pratica.

P5- não é isso... sabe o que é qui acontece, a maior parte, 99% dos qui moram aqui são de fora, lá não usa esse negócio de Siriri, lá pra fora na Bahia, Sergipe, Alagoas usam Chula

P7 – O que é Chula?

P5 aqui não tem Chula

P6- é uma cantiga que canta nus dia de festa

Trecho da Chula 9 (cantando)

P6 -...eu vô imbora lá pro otro lado do rio qui mandaram mi chama eu vo compra para belo, para belo di papo marelo pra demora prá briga com ela.

Eu vi a mué de Horácio dizeno eu vo mi imbora pra cidade, vou buscá minha vontadi.

Eu tenho muita saudadi de lá, se Deus quizé eu vô no mês de janeiro eu vô lá.

P5- Eu tenho,eu sai de lá com treze anos de idadi, não esqueçu.